

A BATALHA DE LEPANTO

E A NOSSA

I. A BATALHA DE LEPANTO

O ÊXTASE DE UM SANTO

No dia 7 de outubro de 1571, o Papa São Pio V estava reunido com um grupo de colaboradores. Inesperadamente, levantou-se e exclamou: – “Os cristãos ganharam a batalha! Vamos agradecer a Jesus Cristo a vitória”. Deus, por vias que só Ele conhece, tinha feito saber ao Papa santo uma notícia que só chegaria a Roma duas semanas depois.

De que batalha se tratava? Da batalha travada entre a frota cristã, a chamada Liga Santa, e as naus dos turcos islâmicos nas águas do golfo de Lepanto, no mar Jônico, na Grécia ocidental.

Um ano antes, em 1570, Pio V foi informado da invasão turca nas ilhas de Chipre e Corfu, ao sul da Grécia, onde a armada do poderoso Império Otomano fez uma carnificina de cristãos.

Não eram desconhecidas as intenções desse grande império islâmico, que queria fazer com Roma, com a Itália e o resto do mundo ocidental cristão, o que já tinha feito fazia um século em Bizâncio, com o grande Império cristão do Oriente. Em 1473, atacaram e tomaram a capital, Constantinopla – cujo nome trocaram para Istambul –, e com ela toda as terras de Bizâncio. A maravilhosa igreja de Santa Sofia, onde ainda parecia ouvir-se a voz de São João Crisóstomo, foi transformada em mesquita.

Nessas terras bizantinas, onde florescera uma intensa vida e cultura cristã de raízes apostólicas – onde pregaram São Pedro, São Paulo e São João – passou

a imperar desde então, e continua a imperar hoje, o islamismo. Em vez do tanger dos sinos convocando à Missa, passaram a escutar-se as vozes dos muezzin nos minaretes das mesquitas. Os cristãos ficaram reduzidos a uma minoria inexpressiva.

A LIGA SANTA

Justamente alarmado com essa situação de perigo iminente, o Papa solicitou a ajuda dos reinos cristãos pra enfrentá-la. Vários não acreditaram na gravidade da situação, ou acharam mais cômodo não acreditar. Só responderam ao apelo a República de Veneza, os Cavaleiros de Malta, a Espanha e os Estados pontifícios. Com eles foi formada a chamada Liga Santa.

A armada da Liga constava de duzentas e seis galés e seis galeças (navios maiores, de três mastros e maior número de canhões, saídos dos estaleiros venezianos). Essa frota tinha que enfrentar uma armada superior: as duzentas e seis galés turcas e mais quarenta e cinco galeças (movidas pelos remos de escravos cristãos nelas acorrentados).

Foi dado o comando da Liga a D. João de Áustria, filho do Imperador Carlos V e meio-irmão do rei da Espanha, Filipe II. Tinha, na altura, 26 anos. Era católico fervoroso e soldado valente.

A armada cristã zarparou da província de Messina em 16 de setembro de 1571 rumo a Corfu. O Papa fez questão de que todos os soldados fizessem jejum, além de se confessar e comungar antes da batalha. Em cada navio estava presente um padre. Pio V tinha dado a João de Áustria um estandarte azul com a figura de Cristo Crucificado, e exortou a Cristandade inteira a impetrar o auxílio do Céu por intermédio da Mãe de Deus, mediante a reza do Santo Rosário.

Como diz G.K. Chesterton no seu famoso poema *Lepanto*¹, “Don João sorri com a sua valente barba ondulante, desdenhando todos os tronos do mundo. E

¹ Ver o poema no Apêndice.

ergue a sua cabeça como bandeira de todos os espíritos livres... Don João de Áustria cavalga para o mar”.

A BATALHA

O encontro das duas armadas deu-se em 7 de outubro, ao largo de Lepanto, no golfo de Patras. O almirante, D. João de Áustria, permaneceu de pé no castelo de proa da nau capitânia, mantendo erguido o estandarte da Santa Cruz.

A batalha começou nesse dia por volta das onze e meia da manhã. Não havia vento propício para os cristãos, mas D. João, após uma prudente espera, ordenou atacar. A nau capitânia disparou o primeiro canhão. Pouco depois a capitânia turca respondeu e ergueu o pavilhão verde de Maomé, guardado como relíquia muçulmana na Meca.

Inesperadamente, o vento mudou e impeliu as velas dos cristãos. O encontro foi terrível, comenta-se que foi a maior batalha naval depois da batalha de Accio, na guerra civil romana, onde Otávio, em 31 a.C, alcançou a vitória definitiva sobre Marco Antônio.

Antes das quatro horas da tarde, a Liga Santa tinha alcançado a vitória, desbaratando e destroçando a armada turca.

São Pio V atribuiu a vitória, principalmente, à oração do Santo Rosário, que foi rezado incessantemente em Roma e em muitos outros lugares. Em agradecimento à Mãe de Deus, instituiu posteriormente a festa de Nossa Senhora do Rosário, a ser celebrada cada ano em Roma no dia 7 de outubro; mais tarde, foi se estendendo pelo mundo católico até ser proclamada festa da Igreja universal. O Papa, além disso, quis que fosse acrescentada à ladainha de Nossa Senhora a invocação *Auxílium Christianorum*, Auxílio dos Cristãos.

Sem vitória de Lepanto, o que teria sido do Ocidente cristão? Toda uma fé e uma cultura, que já estava se estendendo pela América, de Norte a Sul,

poderia ter periclitado ou sido aniquilada. Não há a menor dúvida de que Lepanto foi um dos momentos mais importantes e decisivos da História do Ocidente, um dos que Stefan Zweig chamaria “momentos estelares da humanidade”.

Você, que está lendo estas linhas, talvez se pergunte: “Por que nunca ouvi falar de Lepanto, nem no colégio nem na faculdade? Por que esse estranho silêncio?” Será que nunca ouviu falar das “narrativas” forjadas e impostas como “vera História” por ideologias anticristãs?

II. A NOSSA BATALHA

POR QUÊ A “NOSSA” BATALHA DE LEPANTO?

Hoje está também em andamento uma invasão: ideias, ideologias, concepções sobre o homem, sobre o sentido e os valores da existência, sobre a família, sobre a sociedade e o estado, que avançam no mundo e se chocam com a mensagem de Cristo. Tentam e conseguem implantar-se – em todo o mundo e especialmente em velhos países cristãos da Europa – como um substitutivo dos valores e princípios cristãos que até hoje foram os alicerces e os valores do Ocidente.

Falávamos no capítulo anterior do perigo que foi debelado em Lepanto; um perigo iminente, perante o qual vários países cristãos não se tocaram, não corresponderam ao apelo do Papa. Sem essa vitória é provável que toda a Europa se tivesse tornado islâmica, como já havia acontecido com o extenso território cristão da antiga Bizâncio, do Oriente Médio e de todo o Norte da África (a África de Santo Agostinho, de São Cipriano, das santas Felicidade e Perpétua e de inúmeros mártires que deram a vida por Cristo).

Hoje, esses países que foram cristãos podem marcar-se no mapa do mundo com a cor verde do estandarte de Maomé; neles, os cristãos acabaram

por desaparecer, com a exceção de algumas minorias, como os coptas egípcios (mártires muitos deles, hoje, decapitados pelo exército islâmico). Como é lógico, sem a vitória de Lepanto, uma Europa islâmica no século XVI ter-se-ia traduzido numa América islâmica de Norte a Sul.

Sem cair no catastrofismo nem na teoria da conspiração, só um cego ou um iludido não vê que atualmente está avançando uma “armada” de costumes e ideologias (materialismo social e político, imoralismo libertário, laicismo), que pretende intencionalmente, e consegue em boa parte, ir banindo do mundo os valores cristãos e especialmente a Igreja Católica. Entende por quê tomamos como ícone dessas meditações o episódio decisivo de Lepanto?

Será que faremos como aqueles países que, no século XVI, se fizeram de surdos na hora do perigo? Perante a realidade atual, um cristão consciente:

- em primeiro lugar, não pode perder a fé na Providência, especialmente na promessa de Cristo de que *“as portas do inferno não prevalecerão sobre a sua Igreja”* (cf. Mt 16,18).

- em segundo lugar, não pode ficar passivo. Não pode limitar-se a lamentar o mal e a encolher-se no pessimismo. O que é preciso é levantar os olhos e o coração para nosso Senhor e enfrentar a batalha *construtiva* de difundir, defender, ilustrar e servir – com a mente, a oração, a ação, a palavra e a vida – o mistério de salvação que o Filho de Deus trouxe ao mundo.

NA FORJA DA FÉ E DO AMOR

Essa “nossa” batalha não quer ferir ninguém, não pretende nem deseja atacar pessoalmente quem quer que seja. Pelo contrário, desejaria ajudar à compreensão daquelas verdades pelas quais milhares de cristãos, ao logo de dois milênios, não hesitaram – nem hesitam atualmente – em dar o sangue, em morrer de bom grado perdoadando os que os combatem.

As armas a empregar, como veremos neste livro, são armas que surgem da forja da fé e do amor. Armas, em primeiro lugar, de confiança em Deus e no auxílio da sua graça. Armas do amor, temperado pela dor de perceber que verdades cristãs, custodiadas e transmitidas pela Igreja limpidamente ao longo dos séculos, hoje cambaleiam e racham dentro de muitos corações.

É urgente defender o bom povo cristão, sem ódio nem desprezo para ninguém. Pense em milhões de almas inocentes – cultas ou incultas – que acabam extraviadas entre as brumas de uma confusão crescente; almas que, por carecerem de formação e de vivência cristã madura – desprovidas, portanto, de anticorpos –, estão sendo atingidas e abatidas, como cordeiros no matadouro.

Todos deveríamos estar empenhados na batalha que Santo Agostinho definia assim: *interficere errorem, diligere errantem*; combater o erro, ao mesmo tempo que amamos o que erra.

TRÊS DIRETRIZES DE SÃO PAULO

- *Ainda que eu tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse caridade eu nada seria (1 Cor 13,2).*

- *Virá o tempo em que os homens já não suportarão a boa doutrina. Desejosos de ouvir novidades, escolherão para si uma multidão de mestres, ao sabor das suas paixões, e afastarão o ouvido da verdade, aplicando-o à fábulas (2 Tm 4,3-4).*

- *Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; é, antes, uma necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho! (1 Cor 9,16).*

Peço a Deus que você incorpore à sua vida estas três atitudes.

UM BELO TESTEMUNHO

O testemunho a seguir é de São Tomás More, o Chanceler da Inglaterra, decapitado por recusar-se, pacificamente, a se separar do sucessor de Pedro, o Papa, e da comunhão com a Igreja Católica.

Trata-se de um dos seus últimos escritos, redigido com um pedacinho de carvão na sua prisão na Torre de Londres. Ele o intitulou: “Lição espiritual escrita por Sir Thomas More pouco depois da sua prisão na Torre de Londres no ano do Senhor de 1534”. O texto é o seguinte:

“Não tenhas má vontade para com ninguém. Pois, de duas, uma: ou é bom ou é mau. Se é bom e o odeio, então sou eu o mau. Se é um homem mau, ou se arrependerá e morrerá bem e irá para Deus; ou permanecerá na sua maldade e irá para o diabo.

“Deixa-me recordar-te que, se esse homem mau se salvar, não deixará de amar-me de todo coração (se eu também me salvar, como espero), e então o amarei da mesma maneira. Portanto, por que odiar por algum tempo alguém que depois me amará para sempre? Por que ser inimigo agora de quem um dia estará unido a mim numa amizade eterna?

“Por outro lado, se essa pessoa continuar na sua maldade e se condenar, é tão terrível o castigo eterno que lhe cairá em cima que eu seria implacavelmente cruel se, ao invés de compadecer-me dele na sua pena, alimentasse rancor por ele [...].

“Nós, que não somos melhores do que os homens medíocres, rezemos sempre para que os outros alcancem o arrependimento misericordioso de que nós mesmos precisamos, como a nossa própria consciência nos diz”².

III. A ARMADA INVASORA

TRÊS NAUS DA ARMADA

² *A sós com Deus: escritos da prisão*, Ed. Quadrante 2002, págs. 150-151

Em 1571, a armada otomana - como lembramos no começo - avançava rumo ao Chipre, pronta para invadir depois a Itália e, a partir daí, apagar a Cristandade do mapa.

Hoje há no mundo outra armada, que já faz tempo navega no interior dos países de raízes cristãs, e que - à semelhança do óleo cru que, em 2019, vazou e poluiu mais de mil quilômetros de praias brasileiras -, tenta apanhar em seu mar de piche novas e velhas gerações.

Às naus dessa frota, dotadas em muitos casos de armamento midiático de última geração, são as que são João Paulo II chamava «as ideologias do mal»³.

Referia-se esse Papa às três ideologias que tinham oprimido as liberdades do povo polonês e perseguido ali sem cessar a Igreja Católica: o nazismo, o comunismo soviético e, posteriormente, a infiltração do laicismo ateu.

Hoje, perscrutando com atenção a frota invasora, distinguimos três tipos de “galés:

- A do marxismo, autêntica medusa ideológica de múltiplos tentáculos, que cada vez mais exacerba ódios, provoca falsos antagonismos e gera divisões: luta de classes, de raças, de gêneros, de sexos... Navega pelos mares do ensino, da mídia e das artes com o ufanismo de quem pretende dominar em exclusiva os territórios culturais.

- O laicismo libertário, de muitas faces e diversas ramificações, muitas vezes fundido com o anterior. Todos os ramos coincidem numa revolta surda contra o Deus Criador e Redentor; todos eles, em nome da liberdade absoluta, querem construir seres humanos sem definição nem limites, e pulverizam debaixo dos pés as duas tábuas da Lei de Deus; odeiam e achincalham a Igreja Católica porque ela mantém erguida a bandeira da Verdade e dos Mandamentos em face da avalanche do relativismo. O Papa Francisco lamentando a

³ No livro *Memória e identidade*, Ed. Objetiva 2005, págs. 15 e ss.

“generalizada indiferença relativista” referia-se com dor a “uma cultura onde cada um pretende ser portador de uma verdade subjetiva própria”⁴

- Por último - *last but not least* - o Islamismo *jihadista*, fanático, agressivo e sangrento, que se faz cada vez mais presente, sobretudo em muitos países da Europa, da África e da Ásia.

As naus dessa frota (entre nós, concretamente, a primeira e a segunda) têm um ponto em comum: o viés ditatorial, que “excomunga” quem não se dobra aos seus “dogmas de fé”, e priva os que divergem do elementar direito humano de pensar, de opinar livremente e de afirmar que existe alguma verdade diferente das opiniões impostas por elas.

Em ambas as naus ideológicas praticam-se exatamente os abusos que elas atribuem à Inquisição medieval: fazem “autos de fé” na mídia, praticam a censura, o *bulling* e a perseguição, barram o acesso às cátedras de ensino aos que não rezam pela sua cartilha.

UMA SOMBRA QUE AVANÇA

A invasão do laicismo libertário (muitas vezes fantasiando o marxismo) já cobriu, como uma sombra, grande parte da Europa e da América do Norte. Faz anos que vem avançando também, mais lentamente, pela América latina. Não é bem acolhido, em geral, na África e no Oriente, continentes em que o crescimento dos católicos é exponencial.

Muitos ouviram falar, e talvez tenham lido, um livro bastante cru sobre essa decadência religiosa do velho mundo e, em geral, de todo o Ocidente, escrito com assombro entristecido pelo Cardeal Robert Sarah. Trata-se de um cardeal africano, natural da Guiné-Conacri, que foi arcebispo (perseguido) da capital de seu país, uma terra de maioria muçulmana e governo marxista. O Papa Francisco nomeou-o Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, cargo que ocupa atualmente no Vaticano.

⁴ Encíclica *Evangelii gaudium*, n. 61

O livro, publicado em 2019, intitula-se *Le soir approche et déjà le jour basse* (na edição brasileira, *A noite se aproxima e o dia já declinou*⁵), um título composto com as palavras que, na tarde do domingo da ressurreição, os discípulos de Emaús dirigiram a Cristo, suplicando-lhe que ficasse com eles (Lc 24,29).

Lida entre nós, a obra impressiona e não deixa de transmitir uma visão triste – às vezes quase pessimista – dos resultados do embate das ideologias materialistas contra o Cristianismo na Europa. “A tragédia do Ocidente é sempre a mesma – comenta Sarah no capítulo 11 –. Deus desapareceu. Os Estados ocuparam seu lugar”.

O panorama do livro – que reflete o impacto de quem veio a conhecer de perto o continente europeu – não se pode aplicar *ipsis litteris* à América latina e, mais especificamente, ao Brasil.

Temos que agradecer a Deus que, no nosso país, a Igreja Católica goze de vitalidade espiritual e do amor de grande parte do povo. Temos um número valioso de bispos e padres que mantêm e alimentam no povo brasileiro a fé e a adoração ao Pai Eterno, o amor a Cristo Jesus, especialmente na Eucaristia, a devoção ao Espírito Santo, o carinho filial à Virgem Maria (nossa Mãe Aparecida), e um forte impulso de caridade e de justiça cristãs. É de lamentar, isso é inegável, a enorme e crescente falta de doutrina entre os fiéis, mesmo entre os que estudam nos colégios e outras instituições chamadas católicas.

Seríamos cegos, no entanto, se não percebêssemos que as ideologias que mergulharam na sombra multidões de ex-cristãos na Europa e em boa parte da América do Norte faz tempo que estão plantando sementes aqui, e que essas sementes já lançaram brotos que crescem e tendem a dominar, primeiro, a cultura e a política, e depois, diretamente, a fé e a liberdade religiosa dos cristãos brasileiros.

⁵ Ed. Fons Sapientiae, São Paulo 2019

UMA CONFERÊNCIA

Em 25 de maio de 2019, a igreja e Saint-François-Xavier de Paris estava atulhada de público. Achavam-se presentes o arcebispo de Paris, D. Michel Aupetit, e centenas de padres, religiosas e leigos. Quem ia lá pronunciar uma conferência era o cardeal Robert Sarah. O motivo da conferência era o lançamento do livro mencionado acima.

Nessa ocasião, o cardeal falou com o coração na mão: com uma grande dor e um imenso amor à Igreja, ao Papa e às almas dos fiéis que sofrem desorientados em muitas terras do Ocidente.

Fazia pouco que o povo de Paris vira, atônito e entristecido, o incêndio de Nôtre-Dame. Em todo o mundo, a televisão ofereceu ao vivo o espetáculo desolador do grande monumento da fé católica ardendo e ruindo. Um calafrio fez estremecer especialmente quando se viu o alto pináculo da catedral – que, como um dedo apontava para o céu – quebrar-se na base e cair deitado sobre as abóbadas inflamadas.

O cardeal Sarah comentava: “Sim, hoje, em todos os cantos, a Igreja parece estar em chamas. Parece devastada por um incêndio muito mais destrutivo que o da catedral de Nôtre-Dame... Esse fogo, esse incêndio que assola a Igreja, particularmente na Europa, é o da confusão intelectual, doutrinal e moral; é a covardia de proclamar a verdade sobre Deus e sobre o homem, e de transmitir os valores morais e éticos da tradição cristã; é a perda da fé, do espírito de fé, a perda do sentido da objetividade da fé e, portanto, a perda do sentido de Deus”⁶.

“O Ocidente – acrescentava o cardeal – está cego pela sua sede de riquezas! O engodo do dinheiro que o liberalismo dissemina nos corações entorpece os povos! Enquanto isso, a tragédia silenciosa do aborto e da eutanásia continua. Enquanto isso, a pornografia e a ideologia de gênero

⁶ Neste capítulo, vou transcrever apenas alguns trechos dessa conferência, que é bastante extensa. Não usarei do recurso gráfico de indicar entre parênteses (...) a transição de um parágrafo para outro não sequencial, a fim de facilitar o trabalho de leitura.

mutilam e destroem crianças e adolescentes. Nós estamos tão acostumados à barbárie, que isso já não nos surpreende mais.

“Ao Deus-Homem – dizia, citando o ortodoxo russo Berdiaeff – opõe-se o homem-deus, o homem que se colocou a si mesmo no lugar de Deus”.

A ARMADA NAS ÁGUAS DA IGREJA

“Alguns – continuava o cardeal – olham para a Igreja Católica e dizem: O tempo dessa Igreja já passou, vamos mudá-la, façamos uma nova Igreja à nossa imagem.

“O ensino moral da Igreja parece muito exigente? Vamos atenuá-lo! Vamos diluir a moral no relativismo e no laxismo. E vamos colocar mais o foco nas questões sociais.

“A doutrina católica é criticada na mídia? Mudemos a doutrina. Vamos adaptá-la às mentalidades e perversidades morais do nosso tempo. Vamos adaptá-la à nova ética global promovida pelas Nações Unidas. Vamos adaptá-la à ideologia de gênero. Queremos fazer da Igreja uma sociedade mais humana e mais horizontal. Queremos que ela fale a língua da mídia. Queremos torná-la popular...

“Mas uma tal Igreja não interessa a ninguém. Meus caros amigos, o mundo não precisa de uma Igreja que seja o reflexo da própria imagem do mundo. A Igreja deve ser como uma catedral. Tudo nela leva a cantar a glória de Deus. Ela deve constantemente orientar nosso olhar para Ele, como o pináculo de Nôtre-Dame apontando para o céu”.

Depois, em parágrafos cheios de emoção, o Cardeal incentivava os católicos a redescobrirem a grandeza do amor a Deus e da adoração: «Um homem de joelhos é mais poderoso que o mundo. É uma fortaleza inexpugnável contra o ateísmo e a loucura dos homens. Um homem de joelhos faz tremer o orgulho de Satanás! Todos vocês que, aos olhos dos homens, não têm poder nem

influência, mas que sabem permanecer de joelhos diante de Deus, não tenham medo daqueles que querem intimidá-los! Sua missão é grandiosa. ‘Ela consiste em impedir que o mundo se desfaça’ (A. Camus)”.

O QUE FAZER?

Na última parte da conferência o cardeal animava os católicos a não terem medo da Cruz, onde sempre encontram Cristo se agirem com fé firme e ardente. São textos que nos fazem evocar a confissão de Pedro na sinagoga de Cafarnaum, quando muitos abandonaram Jesus achando dura demais a sua doutrina: *Senhor, a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna (Jo 6, 60 e 67-68)*.

“A unidade da fé pressupõe - volto a citar Sarah - a unidade do Magistério no espaço e no tempo. Quando um novo ensinamento nos é dado, ele sempre deve ser interpretado em coerência com o ensinamento que o precede. Toda evolução deve ser uma melhor compreensão e aprofundamento do passado.

“Nossa unidade será forjada em torno da verdade da Doutrina Católica e do ensino moral da Igreja. Não há outro caminho. Querer ganhar popularidade na mídia ao preço da verdade é como reeditar a obra de Judas! Não tenhamos medo! Que presente mais maravilhoso podemos apresentar à humanidade que o da verdade do Evangelho? Que tesouro mais precioso oferecer-lhe, senão a luz do Evangelho e a Sabedoria de Deus, isto é, Jesus Cristo(1 Cor 1,24)”.

Insistia, finalmente, em que, longe do pessimismo, da polêmica estéril e de qualquer agressividade, é preciso que comecemos a “primeira reforma”, a do nosso coração:

“Não se trata - dizia - de denunciar os inimigos. Não se trata de atacar ou criticar. Trata-se de permanecer firmemente fiel a Jesus Cristo, ao seu Evangelho e ao mistério da Igreja. Se não podemos mudar o mundo, podemos mudar-nos a nós. Se cada um decidisse isso com humildade, então o sistema da

mentira entraria em colapso por si só, porque sua única força é o lugar que nós lhe damos dentro de nós.

“Em meio à avalanche de mentiras, devemos poder encontrar lugares onde a verdade não seja apenas explicada, mas vivida. Trata-se simplesmente de viver o Evangelho. Não de pensá-lo como uma utopia, mas de vivê-lo concretamente. A fé é como um fogo. É preciso que ela esteja ardendo para poder ser transmitida. Vigiem este fogo sagrado! ...Quando à noite se acende um fogo, os homens se reúnem à volta dele. Essa é nossa esperança. Essa é a nossa catedral”.

SINAIS ALVISSAREIROS

Sinais alvissareiros dessa esperança já se estão notando entre nós, de maneira crescente. Hoje, muitos sacerdotes temos frequentes notícias de conversões.

São cada vez mais numerosas as pessoas, especialmente jovens, rapazes e moças estudantes ou recém formados, que nos procuram e contam que, tendo crescido sem nenhuma formação nem prática cristã, receberam inesperadamente, mesmo sem terem tido contato algum com ambientes da Igreja, o dom da fé. Já levam meses, alguns deles anos, lendo os Evangelhos, estudando por conta própria o *Catecismo da Igreja Católica* (que os entusiasma), alguma obra sobre santo Tomás de Aquino, livros de espiritualidade, biografias e obras de santos, de grandes místicos...; e tudo isso guiados por um impulso interior inexplicável, que só pode vir de Deus. *O Espírito sopra onde quer* (Jo 2,8).

Fazem lembrar aqueles séculos IV e V em que a heresia do arianismo (que pretendia facilitar a fé rebaixando-a para torná-la razoável) dominava grande parte dos eclesiásticos e dos poderosos do Império romano, até mesmo o imperador; e foram os leigos, o povo cristão simples, os que mantiveram a tocha da fé, apoiados pela fortaleza sobrenatural de mestres da categoria de um santo

Atanásio, santo Ambrósio de Milão, são João Crisóstomo, santo Agostinho, são Jerônimo...

Penso que encerra uma grande verdade o que um padre, bom amigo, me dizia recentemente. “Vejo – nestes tempos de confusão – um borbulhar maravilhoso da ação do Espírito Santo sobre ‘as bases’, sobre o Povo de Deus”. E acrescentava: “Quando os que deveríamos ser bons pastores não o somos, eles procuram sozinhos os bons pastos, recorrendo às vidas e à intercessão dos santos”. Esse colega, que é bom latinista, comentava-me sorrindo: “Acabo de inventar um aforismo: ‘In sanctis, veritas’, a verdade encontra-se nos santos”.

O Papa Francisco não cessa de incentivar a nossa esperança sobrenatural: “Num campo arrasado, volta a aparecer a vida, tenaz e invencível. Haverá muitas coisas más, mas o bem sempre tende a reaparecer e espalhar-se. Cada dia, no mundo, renasce a beleza, que ressuscita transformada através dos dramas da história”⁷.

IV. O BOM COMBATE

“COMO BOM SOLDADO DE CRISTO JESUS”

A última carta escrita por são Paulo é a segunda a Timóteo. Escreveu-a no cárcere, em Roma, durante a sua segunda prisão na capital do Império, prisão da qual saiu para padecer o martírio no ano 67.

É uma epístola de despedida, dirigida ao discípulo predileto: *Quanto a mim, já estou sendo oferecido em sacrifício, pois chegou o tempo da minha partida. Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé (2 Tm 6-7).*

Lembra, então, a Timóteo que também ele terá de lutar para manter-se fiel e cumprir até ao fim a sua missão: *Assume o sofrimento com bom soldado de*

⁷ Encíclica *Evangelii Gaudium*, n. 276

Cristo Jesus (2Tm 2,3), diz-lhe. No final da primeira carta já lhe tinha pedido: Combate o bom combate da fé, conquista a vida eterna para a qual foste chamado (1Tm 6,12)

Várias vezes, nas suas mensagens, são Paulo compara a vida cristã a uma competição atlética ou a uma batalha, um combate⁸.

Mas é especialmente na conclusão da Carta aos Efésios onde o apóstolo esclarece duas coisas importantes:

- primeiro, que a nossa luta não é principalmente contra a hostilidade dos homens, contra *a carne e o sangue*, mas contra os poderes do Mal, do Maligno e suas hostes;

- que as armas para esse combate não são humanas, mas espirituais, são *a armadura de Deus*.

Vamos meditar sobre esses dois pontos.

RESISTIR ÀS CILADAS DO DIABO

Enfim, fortalecei-vos no Senhor e no poder da sua força; revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do diabo. Pois a nossa luta não é contra o sangue e a carne, mas contra os principados, as potestades, os dominadores deste mundo tenebroso, os espíritos malignos espalhados pelo espaço (Ef 6,10-12).

O Inimigo

Bem no começo da sua pregação, o próprio Jesus teve que enfrentar as ciladas do demônio: *Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo (Mt 4,1)*. Com três tentações, o Inimigo queria afastar Cristo da Cruz e da sua missão redentora. O Salvador cortou na hora cada uma delas e,

⁸ Ver, por exemplo: *1 Cor 9,24-27; Fl 3,12-14; 1Ts 5,8; 2 Tm 2,3-5*, etc.

na última, enxotou com energia o tentador: *Para trás, Satanás, pois está escrito: 'Adorarás o Senhor teu Deus e só a ele prestarás culto'. Com isto, o diabo o deixou (Mt 4,10-11).*

Na sua pregação, Cristo tinha falado claramente das insídias e a tática do demônio. Enfrentando os que se recusavam a ouvi-lo e o acusavam, blasfemando, de estar possuído por um demônio, exclamava: *Por que não entendeis o que eu falo? ... O vosso pai é o diabo, e quereis cumprir o desejo do vosso pai. Ele era assassino desde o começo e não se manteve na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele fala a mentira, fala o que é próprio dele, pois ele é mentiroso e pai da mentira (Jo 8,43-44).*

“Mentiroso e pai da mentira!” Toda a ação do diabo, quase sempre solapada e hipócrita, está carregada de “razões sem razão”⁹, e visa matar, assassinar a fé e a vida da graça de Deus nas almas. Para isso, utiliza a sua arma predileta: a mentira, uma mentira com máscara de arrazoado sábio, de justiça, de misericórdia, de progresso, de atualização. Não é à toa que são Paulo diz que *o próprio Satanás se disfarça em anjo de luz (2 Cor 11,14).*

Assim se explica que, quando a civilização se afasta de Deus, surja uma “cultura” em que os cidadãos são obrigados a aderir a ideias aberrantes, a engolir pedras como se fossem pães e, caso ousem dizer que são pedras e não pães, podem ser denunciados e até mesmo presos, com base em legislações e jurisprudências que se ajoelham aos pés da mentira do mundo, ou seja, do “politicamente correto”.

Você não sente um profundo malestar quando fica vendo que são espalhadas descaradamente como “verdades” incontestáveis uma série de deturpações e falsidades relativas ao ser humano, à dignidade da vida, ao matrimônio e à família, ao sexo, à vocação da mulher; quando ouve ou lê as contínuas narrativas falsas sobre a História geral, a História da pátria e a História da Igreja; sobre Cristo, sobre a Igreja, sobre a Sagrada Liturgia, sobre os santos.

⁹ cf. são Josemaria Escrivá, *Caminho*, n. 21

Quem é que está por trás dessa tentativa de falsificação dos desígnios de Deus sobre o mundo, sobre a humanidade?

Verificando isso, não ache absurdo nem exagerado o alerta de São Pedro na sua primeira carta: *Sede sóbrios e vigilantes. O vosso adversário, o diabo, vos rodeia como um leão a rugir, procurando quem devorar. Resisti-lhe firmes na fé (1 Pd 5,8-9).*

O mundo como inimigo

Quando a palavra “mundo” aparece na boca de Jesus, ficamos um pouco perplexos, porque, por um lado, Cristo mostra-nos o mundo como objeto de um grande amor de Deus, e sabemos que o Filho de Deus não hesitou em morrer por ele: *Deus amou tanto o mundo, que lhe deu o seu Filho único, para que todo o que crer nele não pereça, mas tenha a vida eterna (Jo 3,16).*

Mas, por outro lado, Jesus fala de uma incompatibilidade radical: o amigo de Deus não pode ser amigo do mundo. *Se o mundo vos odeia, sabeis que primeiro odiou a mim. Se fôsseis do mundo, o mundo vos amaria como ama o que é seu; mas, porque não sois do mundo, e porque eu vos escolhi do meio do mundo, por isso o mundo vos odeia (Jo 15,18-19).*

A perplexidade se dissipa quando descobrimos que, no Novo Testamento, a palavra “mundo” é empregada em dois sentidos:

- em primeiro lugar, o mundo é visto como criatura saída das mãos de Deus; e, dentro da Criação, o homem e a mulher como criaturas especialmente amadas por Deus. No início do livro do Gênesis, repete-se que Deus ama a sua obra e, contemplando-a, acha que tudo é *bom*; e diz-se que, coroada essa obra com a criação do ser humano, Deus achou que tudo era *muito bom* (Gn 1,25 e 31).

- acontece, porém, que a palavra “mundo” também é usada na Sagrada Escritura para designar a humanidade decaída, infeccionada pelo pecado original

e pela inundação dos pecados pessoais: uma humanidade “perdida”, precisada da salvação de Deus.

É neste segundo sentido que São João fala aos primeiros cristãos: *Não ameis o mundo, nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, não está nele o amor do Pai. Porque tudo o que há no mundo – a concupiscência da carne, a cobiça dos olhos e o orgulho das riquezas – não vem do Pai, mas do mundo. Ora, o mundo passa com as suas concupiscências [seus desejos egoístas], mas o que faz a vontade de Deus permanece para sempre (1 Jo 2,15-17).*

Desse “mundo”, São João dirá com palavras contundentes: *O mundo inteiro está sob o poder do Maligno (1 Jo 5,19).*

Outro inimigo: as nossas paixões

O inimigo age também dentro do nosso coração na medida da nossa cumplicidade com as tentações. Elas se insinuam na alma muitas vezes por mimetismo, porque “todo o mundo” pensa e faz assim e boa parte da sociedade já sucumbiu a elas. Se não há doutrina e luta para vencê-las, engrossam como uma enxurrada que nos arrasta. *Cada qual – escreve São Tiago – é tentado por sua própria concupiscência, que o arrasta e seduz. Em seguida, a concupiscência concebe o pecado e o dá à luz (Tg 1,14-15)*

O que é dado à luz junto com o pecado são os enganos de visão e de perspectiva, a confusão entre o bem e o mal, os maus hábitos arraigados e a escravidão dos sete vícios capitais¹⁰. *É do coração do homem – diz Jesus – que saem as más intenções: homicídios, adultérios, imoralidade sexual, roubos, falsos testemunhos e calúnias. Isso é que torna o homem impuro (Mt 15,19-20).*

E AS ARMAS PARA O COMBATE?

Também São Paulo, no mesmo capítulo da Carta aos Efésios, fala das armas necessárias para vencer no combate.

¹⁰ Orgulho, avareza, luxúria, ira, gula, inveja, preguiça.

Vou limitar-me agora à enumeração que faz, porque iremos meditando acerca de cada uma delas nos próximos capítulos.

Fortalecei-vos no Senhor, no poder da sua força; revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do diabo...Protegei-vos com a armadura de Deus, a fim de que possais resistir no dia mau e, assim, empregando todos os meios, continueis firmes. Ficai, pois de prontidão, tendo os vossos rins cingidos com a verdade, revestidos com a couraça da justiça, e os pés calçados prontos para ir anunciar o Evangelho da paz. Empunhai sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todas flechas incendiadas do Maligno. Enfim, tomai o capacete da salvação e empunhai a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus. Orai, em união com o Espírito, multiplicando invocações e súplicas. Perseverai nas vossas vigílias, com preces por todos os santos; e também por mim, para que me seja dado anunciar corajosamente o mistério do Evangelho (Ef 6, ,10-11. 18-19).

Duas coisas podemos observar, desde já, nessa lista de “armas”:

- Não menciona, entre elas, a polêmica azeda, nem a esgrima teórica dos que tratam das coisas de Deus como se fossem meras opiniões humanas que se discutem à volta de umas cervejas.

- Todas as armas são espirituais: a Verdade, a Palavra de Deus, as virtudes teologais, a docilidade ao Espírito Santo, a vigilância, a fortaleza, a oração constante...

Para todos, valem as exortações da segunda Carta de São Paulo a Timóteo, a carta de despedida de um condenado à morte:

Evita as discussões tolas e descabidas, sabendo que geram rixas. Ora, não convém que o servo do Senhor viva discutindo, mas que seja manso para com todos, pronto para ensinar, paciente. Com brandura, ele deve instruir os opositores, pois talvez Deus lhes conceda que se convertam, reconheçam a

verdade e voltem à sensatez, livrando-se do laço do diabo, que os apanhou e sujeitou à sua vontade (2 Tm 2, 23-25).

V. A ARMADURA DE DEUS

Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do diabo... Protegei-vos com a armadura de Deus, a fim de que possais resistir no dia mau e, assim, empregando todos os meios, continueis firmes (Ef 6,10 e 13).

A NOSSA PROTEÇÃO E SEGURANÇA

A armadura de Deus é a proteção do miles Christi (2Tm 2,3), do soldado de Cristo nas batalhas do Espírito. O mesmo São Paulo que fala de *revestir-nos da armadura de Deus*, disse: *Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo (Rm 13,14)*. A presença de Cristo, a união com Cristo, foi sempre a segurança e a fortaleza dos cristãos em todos os combates espirituais, tal como o vemos nas vidas dos santos, especialmente dos mártires.

Você já ouviu falar da “Oração de São Patrício”, o evangelizador da Irlanda, também chamada “O escudo de São Patrício”? O trecho mais conhecido é o seguinte:

Cristo								comigo,
Cristo		à		minha				frente,
Cristo		atrás		de				mim,
Cristo			em					mim,
Cristo		embaixo		de				mim,
Cristo		acima		de				mim,
Cristo		à		minha				direita,
Cristo		à		minha				esquerda,
Cristo		ao		me				deitar,
Cristo		ao		me				sentar,
Cristo	ao	me	levantar,					

Cristo	no	coração	de	todos	a	quem	eu	falar,
Cristo	na	boca	de	todos	os	que	me	falarem,
Cristo	em	todos	os	olhos	que	me		virem,
Cristo	em	todos	os	ouvidos	que	me		ouvirem.

Só Cristo, enviando-nos o Espírito Santo (“Cristo sempre age pelo Espírito Santo”, diz São Tomás de Aquino) e, com ele, o dom de fortaleza, é a nossa “armadura”, a proteção que nos defende da cabeça aos pés. Por isso todos os santos empenharam-se ardentemente em que Jesus vivesse e reinasse neles como Senhor dos seus pensamentos, das suas palavras e das suas ações.

REVESTIR-NOS DE CRISTO

Vós todos que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo (Gl 3,27).

Toda a autêntica existência cristã é um processo de identificação com Cristo.

Este processo começa com um novo “nascimento”. Talvez você se recorde de que, quando Nicodemos – um judeu mestre da Lei, reto e bom – foi ao encontro de Cristo, antes de que começasse a perguntar qualquer coisa, Jesus antecipou-se e deu-lhe a “resposta” básica, essencial, sem a qual todas as outras são vazias: *Em verdade, em verdade te digo: se alguém não nascer do alto, não poderá ver o Reino de Deus...* Depois, com uma referência explícita ao Batismo e à Graça do Espírito Santo, acrescentou: *Em verdade, em verdade te digo: se alguém não nascer da água e do Espírito Santo, não poderá entrar no Reino de Deus (Jo 3,3-5).*

São Cirilo de Jerusalém, um dos primeiros Padres da Igreja, comentava assim essas verdades aos recém-batizados: “Batizados em Cristo e revestidos de Cristo, fostes tornados conformes com ele; Deus, que vos predestinou a adoção de filhos, vos tornou conformes ao corpo glorioso de Cristo. Sendo, pois, participantes de Cristo, com toda a razão sois chamados *cristos*”¹¹.

Quem pode nos tirar essa “veste” divina (cf. *Mt 22, 11-14*), essa armadura? Só nós mesmos, se cedermos às tentações do Inimigo. Por isso, vamos pedir a Deus que nos permita revestir-nos da armadura peça por peça, de modo que possamos sentir a segurança que inundava a alma de São Paulo:

¹¹ *Catequeses mistagógicas*, 3,1

— *Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? ... Mas em tudo isto somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou. Pois estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes, nem a altura nem a profundidade, nem nenhuma outra criatura poderá nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 8,35 e 39).*

Em março de 2019, Papa Francisco incentivava os jovens (e todos os católicos) a confiar e abrir-se totalmente a Jesus: “Cristo, que nos salvou dos nossos pecados na Cruz, com o mesmo poder da sua entrega total continua a salvar-nos e resgatar-nos hoje... Aquele que nos enche com a sua graça, aquele que nos liberta, aquele que nos transforma, aquele que nos cura e consola é Alguém que vive. É Cristo ressuscitado, cheio de vitalidade sobrenatural, revestido de luz infinita”¹².

Já na sua primeira encíclica, o Papa Francisco falava do “amor que recebemos de Jesus” e exortava a colocar-nos “diante dele com o coração aberto, deixando que ele nos olhe”. Lembrava que tudo, na vida de Jesus, “é precioso e fala à nossa vida pessoal”, e acrescentava que, nele, “temos à disposição um tesouro de vida e amor que não pode enganar, a mensagem que não pode manipular nem desiludir. É uma resposta que desce ao mais fundo do ser humano e pode sustentá-lo e elevá-lo”¹³

Vivendo “por Cristo, com Cristo, em Cristo”, como dizemos em cada Missa, estamos seguros: não nos faltará nem a luz de Deus, nem seu amparo, nem a força da sua graça.

Poderemos afirmar, nós também, o que dizia São Josemaria Escrivá”:

“Estar com Cristo é estar seguro.

¹² Exortação Apostólica *Christus vivit*, nn. 119, 124

¹³ Encíclica *Evangelii Gaudium*, n. 265

“Poder-se olhar em Cristo é poder ser cada dia melhor.

“Tratar Cristo é necessariamente amar a Cristo.

“E amar a Cristo é garantir a felicidade,
“a felicidade eterna, o amor mais pleno,
“com a visão beatífica da Santíssima Trindade”¹⁴.

Em ti, Senhor, me refugiei – rezemos com o Salmo 31(30) –, jamais eu fique desiludido... Sê para mim o rochedo que me acolhe, refúgio seguro para a minha salvação. Pois tu és minha rocha e meu baluarte (vv. 1-4).

A partir deste momento, procuraremos meditar, nos sucessivos capítulos, sobre cada uma das “peças” dessa armadura de que fala São Paulo.

VI. CINGIDOS COM A VERDADE

Ficai, pois, de prontidão, tendo os vossos rins cingidos com a verdade (Ef 6,14)

JESUS, TESTEMUNHA DA VERDADE

São Paulo, neste versículo que acabamos de citar, utiliza uma comparação à qual Cristo recorre diversas vezes (cf. *Lc 12,35*). Naquele tempo, quando os homens estavam prontos para o trabalho, arregaçavam a túnica e cingiam-na com um cordão ou cinto; ao anoitecer, tiravam o cinto e relaxavam para descansar.

É interessante que São Paulo nos diga que a *verdade* é como um cinto, um cingulo que nos mantém de pé, de olhos abertos e prontos para agir. Sem a verdade, nós andamos às apalpadelas, como que envolvidos por uma névoa densa, que nos faz errar o caminho e tropeçar a cada passo.

¹⁴ São Josemaria Escrivá, *En diálogo con el Señor*, Edição crítico-histórica. Ed. Rialp, Madrid 2017, pág. 158

Na história da Paixão de Jesus, impressiona o diálogo de Cristo com Pilatos. O procurador romano perguntou: *“Então, tu és rei?”*. Jesus respondeu: *“Tu o dizes: eu sou rei. Para isto nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Quem é da verdade escuta a minha voz”*. Disse-lhe Pilatos: *“Que é a verdade?”* (Jo 18,37-38).

A nossa cultura, dominada pelo ceticismo e pelo dogma do relativismo, não se cansa de repetir, como seu padroeiro Pilatos: *“Que é a verdade?”*

Há umas palavras de Jesus, pronunciadas na intimidade da Última Ceia, que trazem a resposta ansiada pelos corações sedentos de saber, pelos que clamam com vozes silenciosas: *Que é a verdade?* No seu vazio interior, sentem saudades da verdade que nunca viram, que nunca lhes ensinaram, mas que lhes faz uma falta tremenda. A resposta de Jesus é simplesmente esta: *Eu sou a verdade*.

O Salvador veio ao mundo para isso: para iluminar-nos no meio das trevas com a verdade sobre Deus, sobre o homem e sobre o mundo; e para que essa verdade se transformasse em norte e vida para nós e para o mundo inteiro: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida* (Jo 14,6).

A PLENITUDE DA VERDADE

A *Carta aos Hebreus* começa com um texto belíssimo, que deveríamos guardar como farol aceso na cabeça e no coração: *Muitas vezes e de muitos modos, Deus falou outrora aos nossos pais pelos profetas. Nestes dias, que são os últimos [definitivos], falou-nos por meio do Filho* (Hb 1,1-2).

São João da Cruz, meditando essas palavras, dizia que em Cristo achamos a plenitude da Revelação de Deus, pois ele é a Última Palavra, que encerra em si todas as verdades transmitidas ao longo dos séculos por Deus aos homens. E

citava o que São Paulo escrevia aos Colossenses: *Em Cristo estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência (Cl 2,3)*¹⁵.

Cristo confiou a conservação, a transmissão e o aprofundamento desses tesouros da Verdade, até o fim dos séculos (Mt 28,20), à sua Igreja em seu Magistério autêntico, quando disse aos Apóstolos e aos seus sucessores: *Como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós (Jo 20,21). Quem vos ouve é a mim que ouve; e quem vos rejeita é a mim que rejeita; e quem me rejeita, rejeita aquele que me enviou (Lc 10,16).*

O Magistério autêntico da Igreja, fundada por Cristo e assistida pelo Espírito Santo é o selo de garantia da verdade. Um Magistério que, ao longo de dois milênios, guarda intacta a mesma mina de ouro e, como os mineradores, vai aprofundando mais e mais nela; não a abandona, não a tergiversa, não a substitui por outra, não a adapta ao gosto do consumidor, mas a defende na sua pureza, ao mesmo tempo que não se estagna, pois aprofunda nesse mar de luz divina sem refratá-la, nem recortá-la, nem modificá-la.

“Ao progresso – dizia São Vicente de Lerins (séc. V)– corresponde o crescimento de uma coisa em si mesma; à alteração, pelo contrário, a mudança de uma coisa em outra. É necessário que, na Igreja, progrida a compreensão, a ciência, a sabedoria; porém apenas no mesmo gênero, e guardando a mesma verdade, o mesmo sentido, a mesma significação”¹⁶.

NÃO É FÁCIL ABRAÇAR A VERDADE

Não é fácil abraçar a verdade, nem se deixar conduzir por ela.

São Paulo fala, com tristeza, dos pagãos que *apesar de conhecerem a Deus, não o glorificaram como Deus nem lhe deram graças. Pelo contrário, perderam-se em seus pensamentos fúteis, e seu coração insensato se obscureceu. Alardeando sabedoria, tornaram-se tolos (Rm 1,21-22).*

¹⁵ *Cântico espiritual*, canção 37, 4

¹⁶ *Commonitório*, Cap. 23

Só os pagãos? Não, infelizmente. As mesmas palavras poderiam ser aplicadas a bastantes cristãos. São João sofre por aqueles que *saíram do nosso meio, mas não eram dos nossos, pois se fossem realmente dos nossos, teriam permanecido conosco (1 Jo 2,19)*. E São Paulo chora pelos que se desviaram da verdadeira fé: *Ó gálatas insensatos, quem vos fascinou, a vós ante cujos olhos foi desenhada a imagem de Jesus crucificado? ... Sois tão insensatos que, tendo começado com o espírito, agora acabais na carne? (Gl 3,1-2)*.

Quem pratica a verdade se aproxima da luz, dizia Jesus (Jo 3,21). Quem ama a verdade, procura-a na Sagrada Escritura, especialmente no Evangelho, procura-a e encontra-a no Magistério autêntico e universal da Igreja, contempla-a espelhada nas vidas dos santos. Já reparou na unanimidade da crença dos santos, desde o século I até o século XXI? Eles são os “votantes” majoritários da verdadeira democracia na Igreja, a democracia na qual têm voz e voto tanto os vivos como os mortos, para usar uma imagem cara a G.K.Chesterton.

Mesmo na Igreja, porém, há quem queira remodelar, recortar, refundir e modificar a verdade, com interpretações que são rupturas dessa santa unidade.

Não é fácil abraçar, com a mente, com a alma e o coração, a verdade cristã. Uma vez, porque exige renúncias e fidelidades que custam e que a pessoa não está disposta a assumir. Outras, por ignorância, aliada à presunção de pontificar alto e bom som sobre o que se conhece pouco e mal. Sempre, por falta de fé sobrenatural e de humildade.

Há outros, ainda, que – seduzidos pelo “mundo” – fazem a verdade prisioneira de ideologias meramente humanas, que a afastam da luz de Cristo, e a encerram no campo do mundano, do político-social com horizontes meramente terrenos. Esquecem que São Paulo diz que *a palavra de Deus não está algemada (2 Tm 2,8)*, não pode ser acorrentada por nenhuma ideologia, filosofia ou conveniência.

Vem-me agora à lembrança outro padre amigo, bem-humorado, que tem a mania de reduzir tudo a siglas. “Estamos na cultura das siglas” – dizia-me –, e acrescentava: “Faz cinquenta anos que, na Igreja, vem grassando a infecção dos vírus K-1 e K-2”.

Quando, desconcertado, lhe perguntei que significava esse duplo K, ele respondeu, sorrindo da piada: “A teologia de Karl Rahner que, sem pretendê-lo, de fato vem liquidificando e volatilizando praticamente todas as verdades da fé e da moral; e a filosofia de Karl Marx, cujas consequências na Igreja todos nós conhecemos. Esses são os vírus K-1 e K-2”.

Deixei-o satisfeito com a sua charada, sem discutir. Mas fiquei pensando que talvez não estivesse tão longe da realidade.

UM COFRE DE JOIAS

O meu amigo falava de vírus. Não seria oportuno, no meio da confusão, falarmos mais do *remédio*, do alimento sadio? Recomendava-o São João Paulo II na Constituição Apostólica *Fidei depositum*, de 11 de outubro de 1992.

Trata-se da bula com que promulgou o *Catecismo da Igreja Católica*, e nela declara: “O *Catecismo da Igreja Católica*, que aprovei no passado dia 25 de junho e cuja publicação hoje ordeno em virtude da autoridade apostólica, é uma exposição da fé da Igreja e da doutrina católica, testemunhadas ou iluminadas pela Sagrada Escritura, pela Tradição apostólica e pelo Magistério da Igreja. Vejo-o como um instrumento válido e legítimo a serviço da comunhão eclesial e como *norma segura* para o ensino da fé. Sirva ele para a renovação, à qual o Espírito Santo chama incessantemente a Igreja de Deus, Corpo de Cristo, peregrina rumo à luz sem sombras do Reino”.

Na mesma Constituição, São João Paulo dizia: “Peço, portanto, aos Pastores da Igreja e aos fiéis que acolham este Catecismo em espírito de comunhão e que o usem assiduamente ao cumprir a sua missão de anunciar a fé e de convocar para a vida evangélica. Este Catecismo lhes é dado a fim de que sirva de texto de referência, seguro e autêntico, para o ensino da doutrina católica”.

Você, ao ler esse texto pontifício, tão claro, talvez fique perplexo, porque sabe que muitos fiéis nunca ouviram mencionar, e menos ainda ensinar e glosar esse *Catecismo*. Não parece que tenha sido objeto de muito ensino e estudo em bom número de instituições docentes católicas, de catequeses e de documentos oficiais.

Que fazer, então? Muito simples: não complicar a vida com disquisições críticas, e praticar o que São João Paulo II pede na mesma Constituição: “É também oferecido a todos os fieis que desejam aprofundar o conhecimento das riquezas inexauríveis da salvação”.

Você – sacerdote ou leigo – é um desses fieis. Por que não se decide a seguir esse conselho? Planeje, concretize quanto tempo vai dedicar à leitura e ao estudo dessa mina de ouro e pedras preciosas que São João Paulo II pôs em nossas mãos.

VII. A COURAÇA DA JUSTIÇA

Revestidos com a couraça da justiça (Ef 6,14)

SER JUSTO

A palavra “justiça”, na linguagem bíblica, significa principalmente “santidade”. Neste sentido, o Evangelho define a grandeza de São José com esta só palavra: era *justo* (Mt 1,14).

Eis outra grande arma para vencer a “nossa batalha de Lepanto”.

Pense que foi para que nos tornássemos *filhos de Deus, santos e amados* (Jo 1,12; Gl 4,5; Cl 3,12) que Cristo nasceu, viveu e se ofereceu na Cruz como sacrifício de expiação pelos nossos pecados; e que, como fruto da sua entrega redentora, *ressuscitou para a nossa justificação* (Rm 4,28) e nos enviou o Espírito Santo.

A nossa vocação cristã consiste essencialmente, como diz São Paulo, em que *Deus nos escolheu, antes da fundação do mundo, para sermos santos e íntegros diante dele, no amor* (Ef 1,4).

São Josemaria Escrivá, pregoeiro da vocação para a santidade de todos os cristãos, resumia assim esta verdade: “Jesus ressuscitou, subiu aos céus e, em união com o Pai eterno, envia-nos o Espírito Santo para que nos santifique e nos

dê vida”¹⁷: a vida da Graça aqui, e a Vida eterna no Céu. Aí está o essencial da redenção realizada por Jesus Cristo. Portanto:

- Um cristianismo que não procure a santidade – ou seja, o crescimento do amor a Deus e ao próximo até a plenitude – é mera aparência, é só carcaça mais ou menos colorida: *Tens nome de vivo e estás morto* (Ap 3,1).
- Um cristianismo que não ensine, de maneira clara e prática, o caminho da santidade, passo a passo, é como fumaça que cega os olhos.
- Um cristianismo de mil atividades, programas, impressos, reuniões e assembleias, que não mantenha acesa a chama da vida interior, da oração e da luta pelas virtudes sobrenaturais e humanas, é papel molhado.

UM PROGRAMA PARA O NOVO MILÊNIO

O Papa São João Paulo II escreveu a Carta apostólica *No início do novo milênio* (6-01-2001) para lançar os cristãos à aventura de entrar no terceiro milênio com o espírito com que Pedro se fez ao mar alto, no dia em que Cristo, entrando em sua barca, lhe pediu: *Duc in altum*, avança para águas mais profundas (n. 1).

Nessa Carta, marcava as linhas mestras da renovação cristã que pedia a todos os fiéis na virada do milênio. «Em primeiro lugar— escrevia —, não hesito em dizer que o horizonte para o qual deve tender todo o caminho pastoral é a *santidade*”(n. 30). Chamava essa meta de “evidente urgência pastoral”, e acrescentava: “É hora de propor de novo a todos, com convicção, essa ‘*medida alta*’ da vida cristã ordinária”.

O Papa Francisco fez-se forte eco desse apelo, com a Carta apostólica *Gaudete et exultate* (19-03-2018), em que cita estas palavras de Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein): “É na noite escura que surgem os maiores profetas e os santos”.

“É claro — comentava São João Paulo II, na Carta citada — que os percursos da santidade são pessoais, e exigem uma verdadeira e própria

¹⁷ *É Cristo que passa*, n. 128

pedagogia da santidade” (n.31). Uma parte importante dessa pedagogia são as vidas – o exemplo – e os escritos dos santos.

UMA LUMINOSA CONSTELAÇÃO

A vida e os escritos dos santos são como estrelas que nos ajudam a orientar-nos de maneira certa pelo caminho da santidade, como a estrela vista no Oriente ajudou os Magos a encontrar Jesus em Belém.

Cada santo é como uma faceta de um grande diamante lapidado. Em cada uma das facetas espelha-se e resplandece algum aspecto do exemplo e do ensinamento de Cristo que, ao refletir-se com força na mulher e no homem santo, fica mais evidente para nós. São Francisco, por exemplo, faz fulgurar aos nossos olhos a virtude do desprendimento, da pobreza; Santa Teresa de Ávila, a necessidade da oração e da contemplação; Santa Catarina de Sena, a fé na Providência; São Tomás de Aquino, o amor à Verdade e a enorme responsabilidade moral que temos em relação a ela, etc.

A *Carta aos Hebreus* usa uma expressão vigorosa. Fala da história da salvação, pontilhada pela vida dos justos e santos, e conclui: *Portanto, com tamanha nuvem de testemunhas em torno a nós, deixemos de lado tudo o que nos atrapalha e o pecado que nos envolve; corramos com perseverança para o certame que nos é proposto, com os olhos fixos em Jesus, que vai à frente da nossa fé e a leva à perfeição (Hb 12,1-2).*

Tenhamos empenho em conhecer e divulgar as vidas e as obras dos santos. Há alguns decênios, com uma espécie de embriaguez de novidades, ficaram quase esquecidos – como se fossem antiquados – muitos desses tesouros. Agora, graças a Deus, são numerosas as editoras, antigas e novas, que tornam a colocar nas nossas mãos essas riquezas inapreciáveis. Vejamos isso como um sinal de Deus para o nosso tempo, tão precisado de faróis na crescente cerração.

COMO NOS VOOS NOTURNOS

Se você já viajou de avião e chegou à noite ao seu destino, terá visto o espetáculo da pista do aeroporto, envolta na escuridão, que tem a ambos os

lados uma fileira de luzinhas, claras e tranquilizadoras, que orientam e facilitam o pouso.

No caminho da vida, em meio à escuridão provocada pela “frota invasora”, os santos são essas luzes. Com eles como orientadores, não nos perderemos. A rota da fé, da esperança e do amor verdadeiros ficará clara e teremos exemplos seguros para encontrar e amar a Cristo.

Não nos afastemos dessa sinalização. Que os santos sejam, para nós, como que a pedra de toque que os ourives empregam para avaliar a autenticidade dos metais nobres.

Quando alguma leitura, alguma palestra, algum sermão ou algum conselho pessoal o deixem confuso ou questionem as suas boas convicções, além de procurar o esclarecimento no *Catecismo da Igreja Católica*¹⁸, pense nos santos da sua devoção e pergunte: – Eu acharia normal “isso” na boca e na boca e na vida de São José, de Santa Teresinha, de Santo Antônio, de Santa Rita, de don Bosco, do Padre Pio...? Não? Então já sabe o que deve fazer: descarte aquela sombra e não pense mais nela.

Às vezes, será como se você ouvisse os santos que lhe falam, como altofalantes de Deus:

- Menos discussões estéreis e mais oração.
- Menos “novidades” e mais doutrina.
- Menos adaptações à cultura dominante e mais coragem para sermos fiéis à fé católica.
- Menos folclore e bagunça litúrgica e mais adoração.
- Menos “falsa compreensão” que abençoa todos os erros, e mais rezar pelos que erram, pedindo a Deus que os superem e, a nós, que não nos permita cair na propaganda deles.

¹⁸ Que tem, no final, um Índice de referências muito completo, e vale a pena consultar com frequência

Não se esqueça do que ensinava o Papa Bento XVI na sua Encíclica *Deus é amor*: “Os santos são os verdadeiros portadores de luz dentro da história”¹⁹.

VIII. PÉS CALÇADOS PARA CAMINHAR

E os pés calçados, prontos para ir anunciar o Evangelho da paz (Ef 6,15)

PORTADORES DA LUZ DO EVANGELHO

Os pés bem calçados estão prontos para caminhar e para irem longe, levando a muitos a luz do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo.

É bem possível que, ao escrever as palavras que acabamos de citar, São Paulo se lembrasse do dia da sua conversão, quando foi envolto pela luz de Cristo às portas de Damasco (*At 9,1 ss*). Pouco depois ficou sabendo que Jesus o tinha escolhido *para levar seu nome diante dos pagãos, dos reis e dos filhos de Israel (At 9,17)*.

Não demorou um instante em dar a resposta ao chamado. Assim que foi batizado, *logo começou a anunciar a Jesus nas sinagogas, proclamando ser ele o Filho de Deus (At 9,20)*.

A partir desse momento e até o seu martírio em Roma não parou seu maravilhoso apostolado, pronto diariamente *para ir anunciar o Evangelho da paz*. Andou por meio mundo, como um vulcão de fé e de amor, evangelizando com os mesmos sentimentos de Cristo: *Eu vim trazer fogo à terra, e como desejaria que já estivesse aceso! (Lc 12,49)*.

Ele sabia-se especialmente chamado para levar a fé de Cristo aos pagãos, a povos de outras crenças, costumes e línguas; de culturas talvez milenares, mas que não tinham conexão com as promessas messiânicas que Deus deu ao seu povo eleito.

¹⁹ *Deus caritas est*, 25-12-2005, n. 40

Com ardor de caridade, com um grande amor a esses povos ainda idólatras e, ao mesmo tempo, consciente do grave engano em que jaziam, ajudava-os a abandonar os falsos deuses e a adorar e cultuar somente o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

Esse zelo custou-lhe sangue, suor e lágrimas, mas estava feliz de ter sofrido por Cristo no cumprimento da sua vocação, disposto a sofrer e morrer mil vezes, se fosse preciso.

Veja como o explicava aos Coríntios, alguns deles ainda cambaleantes na fé: *Muitas vezes vi-me em perigo de morte. Dos judeus recebi cinco vezes os quarenta açoites menos um. Três vezes fui flagelado. Uma vez, apedrejado. Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite em alto mar. Fiz numerosas viagens. Sofri perigos no mar, perigos por parte dos ladrões, perigos por parte de meus compatriotas, perigos por parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por parte dos falsos irmãos...* (2 Cor 11,23-26). Era como se dissesse: Não falo isso para me exhibir, mas para que vocês, meus filhos, entendam que a fé em Cristo é decisiva, vale a pena, vale mais do que a vida.

AS GRANDES TESTEMUNHAS

A palavra mártir – como sabe – significa testemunha. São tocantes os depoimentos de inúmeros missionários santos – muitos deles mártires –, que gastaram com alegria a saúde, as forças, a vida, e deram o sangue para testemunhar, para *anunciar o Evangelho da paz* aonde ainda não era conhecido.

Deixe-me lembrar as belas palavras de alguns deles – são milhares em todos os continentes – que a Igreja recolhe na sua Liturgia das Horas:

- **São Francisco Xavier, apóstolo da Índia, do Japão, etc:** “Veio-me muitas vezes ao pensamento ir pelas academias da Europa, particularmente à de Paris e, correndo à volta delas gritar como louco, e sacudir aqueles que têm

mais ciência do que caridade, clamando: ‘Oh! Como é enorme o número dos que ficam excluídos do céu por vossa culpa...’, por vocês não irem evangelizar esses povos pagãos, sedentos de Deus (3 de dezembro, segunda leitura).

- **São Jacques de Brébeuf**, martirizado no Canadá, com terríveis torturas, pelos índios hurões: “Meu Deus, como me entristeço por não seres conhecido, porque este país bárbaro ainda não se converteu todo a ti, porque o pecado ainda não foi extirpado daqui! Sim, meu Deus, se sobre mim se desencadearem todos os tormentos que os prisioneiros desta região têm que suportar, toda a ferocidade dos suplícios, abro-me a eles de todo coração”. Oferecia-se inteiramente por aquelas almas que queria salvar (19 de outubro, segunda leitura).

- **São Pedro Chanel**, um dos primeiros missionários na Oceania, martirizado na ilha de Futuna com uma tortura crudelíssima. Dizia ele: “Em missão tão difícil, temos de ser santos”. E, na véspera do martírio: “Não importa a minha morte; a religião de Cristo está tão ligada a esta ilha, que não será arrancada com minha morte”. A Liturgia das Horas comenta: “O sangue do mártir frutificou por primeiro nos próprios habitantes de Futuna que, poucos anos depois, receberam todos eles a fé de Cristo; e também nas outras ilhas da Oceania, onde existem florescentes igrejas cristãs” (28 de abril, segunda leitura).

Ao admirar, com emoção, esses homens e mulheres que entregaram a vida para *anunciar o Evangelho da paz*, é possível que parem sobre nós, como uma nuvem triste, algumas coisas que lemos ou ouvimos dizer, talvez onde menos esperaríamos, como, por exemplo, estas:

- Para quê querer converter povos de outras civilizações, afastando-os da sua “cultura”, quando há uma corrente teológica bem badalada que afirma que a morte de Cristo já salvou a humanidade inteira. Por isso, se já está garantido que todos vão para o Céu (também os estupradores, os feminicidas, os torturadores, os traficantes de órgãos de crianças), a missão da Igreja aqui na terra deveria consistir em obras de caridade, tipo ONGs internacionais, e em

apoiar as lutas dos grupos defensores de programas políticos inspirados no ideário socialista;

- Para quê conversões ao catolicismo? Para quê aceitar que um budista, um hinduísta, um muçulmano, um quáker se convertam e sejam batizados na Igreja? Não precisa! Você não sabe que toda essa boa gente, mesmo os ateus, já são “cristãos anônimos” e, dado que são cristãos, para quê convertê-los e batizá-los?

- Para quê ir pregar o cristianismo aos indígenas da selva, desrespeitando a “cultura” (palavra mágica) deles. O que deveríamos fazer não é evangelizá-los, nem lhes dar catequese, nem prepará-los para o batismo; o certo seria mantê-los na sua mentalidade e seus costumes e nos deixarmos “evangelizar” por eles. Como? Será que os que dizem isso pretendem que aceitemos como coisa “cultural” conforme com a lei de Deus o canibalismo, ou o ritual de enterrar vivo um dos bebês quando nascem gêmeos (crime que, segundo me consta, alguns professores universitários defendem que deve ser respeitado como valor integrante da cultura deles)?

A VOZ DE CRISTO E A VOZ DA IGREJA

Eu prefiro (e acho que você também) a “cultura” do Evangelho, as palavras cristalinas e inequívoca de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, Salvador e Redentor do mundo:

- *Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos (Mt 28,18-20).* Parece claro que, com isso, o Senhor nos convida a *calçar os pés* e ir à procura de muitos, no mundo todo, para que – mediante a oração, o exemplo, o ensinamento da doutrina e a caridade fraterna – cheguem a converter-se, a mudar de vida e a incorporar-se pelo Batismo ao Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja.

- Repare nas últimas palavras de Cristo em sua despedida final, no próprio dia da Ascensão. São como que uma última vontade, que Jesus quis deixar gravada na alma dos discípulos de modo a não a esquecerem nunca mais: *Recebereis o poder do Espírito Santo que virá sobre vós, para serdes as minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra (At1, 8).*

Felizmente, a Igreja (a verdadeira Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, não a suposta “Igreja” de alguns teólogos) não esqueceu essas palavras, e sempre permaneceu fiel ao mandato evangelizador, missionário, de Jesus. Três documentos do Concílio Vaticano II²⁰ lembram o direito e o dever de todos os batizados – padres, freiras, leigos, casados e solteiros... – de fazer apostolado, de ensinar, de catequizar, de difundir a doutrina da fé cristã – de serem “Igreja em saída”, como pede o Papa Francisco – em todos os países e ambientes, especialmente, naqueles lugares em que ainda *não foi anunciado o Evangelho*.

Concluindo esta meditação, diria que a nossa “batalha de Lepanto”, sob este ângulo de visão, consiste em subirmos confiantes à barca de Pedro com Cristo, e responder com entusiasmo à voz de Jesus que nos manda: *Mar adentro, lançai as vossas redes ...Não tenhas medo! De agora em diante serás pescador de homens (Lc 5,4.14).*

No final da Carta *No início do novo milênio*, São João Paulo II retoma esse apelo de Cristo: “Conclusão: *Duc in altum!* [Mar adentro!] Sigamos em frente com esperança. Diante da Igreja abre-se um novo milênio como um vasto oceano onde se aventurar com a ajuda de Cristo. O Filho de Deus, que se encarnou há dois mil anos por amor do homem, continua também hoje em ação... Agora Cristo, por nós contemplado e amado, convida-nos uma vez mais a pormo-nos a caminho..., a ter o mesmo entusiasmo dos cristãos da primeira hora... No início do novo século, o nosso passo tem de tornar-se mais rápido para percorrer as estradas do mundo” (n. 58).

²⁰ Constituição *Lumen gentium*, n. 33; Decreto *Ad gentes*, nn. 17, 21, etc; Decreto *Apostolicam actuositatem*, n. 39, etc. E a Encíclica de São João Paulo II *Redemptoris missio* (7-12-1990)

IX. EMPUNHAI O ESCUDO DA FÉ

Empunhai sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todas as flechas incendiadas do Maligno (Ef 6,16)

COMO NA BATALHA DE AZINCOURT

Se teve a oportunidade de assistir ao filme *Henrique V*, baseado na peça homônima de Shakespeare, deve lembrar-se de que, num dado momento, as flechas dos arqueiros ingleses lançadas contra as tropas francesas encobrem a luz do dia como uma nuvem. Graças aos *king's archers*, a batalha de Azincourt foi ganha pelos ingleses.

Sempre – mas nestes últimos séculos com uma intensidade particular – as *flechas incendiadas do Maligno* lançadas contra a Igreja Católica e os seus ensinamentos são uma nuvem, que encobre aos olhos e ao coração de muitos o Sol da fé ou, simplesmente, as verdades racionais sobre Deus e a Criação.

Esses arqueiros (ao contrário dos de Azincourt, Deus não permitirá que levem a vitória) surgem de duas alas do exército do Pai da Mentira (*Jo 8,43-44*):

1) A primeira ala é constituída pelas variadas formas do ateísmo materialista, que domina grande parte do pensamento e da vida prática do mundo ocidental (iluminismo, laicismo, marxismo, consumismo, hedonismo, globalismo, *new age*, etc.).

2) A segunda ala está em casa, dentro da Igreja. Esses arqueiros, desejosos de se adaptarem à evolução dos tempos e pensando agir certo, muitas vezes ferem, abalam e até extinguem a fé católica nos corações despreparados do bom povo de Deus.

Na “nossa batalha”, as armas contra esses dardos são, em primeiro lugar, a oração e o desagravo, unido ao esforço de compreender e perdoar, considerando que muitos dos arqueiros – mesmo quando nos odeiam – agem por ignorância ou por deformação ideológica inculcada em escolas e outros centros de ensino. *Não te deixes vencer pelo mal* – diz São Paulo – *mas vence o mal pelo bem (Rm 12,21)*.

O ódio, a falta de caridade para com as “pessoas” – como comentamos no capítulo II – nunca vence batalhas cristãs. Também não as vence (seria uma misericórdia falsificada), a submissão benevolente e covarde a interpretações e doutrinas contrárias à verdade, pelo fato de que estão na moda, de que dominam parte importante da mídia e são socialmente predominantes.

Além disso, em segundo lugar, a arma que Deus nos pede – como veremos a seguir – é assumir a grave responsabilidade de nos tornarmos cristãos *fiéis*, bem formados, prontos para *empunhar o escudo da fé*.

OS ARQUEIROS DO MUNDO

Na Última Ceia, em sua “oração sacerdotal”, Jesus pediu por nós: *Pai santo, guarda-os em teu nome...Eles não são do mundo como eu não sou do mundo. Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno (Jo 17,11 e 14-15)*. Como víamos acima, a expressão “mundo”, neste caso, indica a “inundação de pecado” que invadiu o mundo todo²¹.

Os arqueiros são as diversas formas já citadas de materialismo, de agnosticismo e de ateísmo militante que vão tomando conta cada vez mais das consciências e dos costumes, incentivados até por poderes públicos, por organizações internacionais (que subordinam ajudas destinadas a países necessitados à prévia aceitação dos seus “dogmas” laicos), pela mídia atrelada ao laicismo e ao marxismo, pelas “induçãoes” subliminares ou descaradas de músicas, filmes, artes plásticas, literatura e outras manifestações culturais, muitas vezes aberrantes.

²¹ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 401

Rejeita-se a lei de Deus. Mesmo aqueles que defendem princípio morais aceitos por todas as religiões, e por grande número de descrentes honestos (contrários ao aborto, à eutanásia, às experiências genéticas com descarte de embriões, às mutilações transgênero, etc.), mesmo esses – dizia – são repelidos como se pretendessem “impor ideias religiosas” a um estado laico.

Caímos, então, no positivismo legal absoluto. A única norma “moral” que se aceita é a legislação vigente, sempre mutável nas mãos dos poderes do estado, que se guiam frequentemente apenas pelos interesses do momento (eleitorais, facciosos, escusos).

E assim acontece que, rejeitando a adoração de Deus e os seus Mandamentos, expressão da Lei natural, o mundo acaba prostrando-se diante da opinião pública e dos costumes deletérios, que se generalizam amparados pela omissão ou o favorecimento de legisladores e juízes (liberação de drogas, aprovação de aberrantes abusos sexuais, pornografia que afeta o cérebro e escraviza tanto quanto o crack, perda total do respeito à autoridade familiar e às autoridades docentes nos vários graus de ensino, etc.).

A única lei que sobra para o indivíduo é, então, a da liberdade sem norte nem rumo, ou seja, a do individualismo, do prazer, do capricho, do egoísmo. Se – como dizem – não há nada que seja verdade para todos, não é possível termos um conceito universal de bondade.

Ao excluir-se assim a verdade (“tudo é relativo”, “os valores são meramente subjetivos”), a bondade perde suas raízes. Acha-se normal que se puna, por exemplo, a menor brincadeira – mesmo inocente – nas questões relativas a “gênero”; e, pelo contrário, os ataques malignos, grosseiros, depreciativos e gravemente ofensivos contra Deus, contra valores, pessoas ou entidades cristãs, são justificados – até legalmente – em nome da “liberdade de expressão”, transformada em “liberdade de agressão” (Ives Gandra).

Nesse contexto, pode-se tranquilamente blasfemar contra Deus, contra Cristo; pode-se injuriar Nossa Senhora, a Igreja..., e os que reclamarem disso serão tachados – com hipócrita rasgar de vestes – de fundamentalistas, fanáticos e intolerantes, ao mesmo tempo que algumas autoridades sorriem benevolmente e dizem: “é brincadeira!”. São as mesmas autoridades que acharão crime o fato de alguém se atrever a opinar criticamente – com o mínimo de liberdade de opinião que ainda nos resta – sobre as mentiras do “politicamente correto”.

OS ARQUEIROS EM CASA

Dizíamos que há uma segunda ala de arqueiros, que estão entre nós, dentro da Igreja.

É evidente que a grande maioria desses arqueiros não querem machucar ninguém; ao contrário, têm a intenção de ajudar e de servir melhor aos fiéis cristãos; de adaptá-los melhor, segundo pensam e dizem, ao avançar do “trem da História”.

No entanto, circunstâncias infelizes e complexas fizeram com que muitos desses pastores e professores, arrastados pelas ondas da confusão doutrinária que irrompeu pelos anos sessenta do século XX, tenham induzido católicos a aceitar ambiguidades e a incorrer em erros graves que – como repetidas vezes afirmou o Papa Bento XVI²² – implicam numa “descontinuidade e ruptura” em relação à fé e à grande Tradição da Igreja. Mais cruamente, São Paulo VI falou da “fumaça de Satanás” que estava se introduzindo pelas frestas da Igreja.

Repito que é preciso reconhecer a boa fé da grande maioria dos que optaram, talvez sem reparar, pela “ruptura”; e desculpar os pastores formados naquela que talvez seja a maior e mais prolongada confusão doutrinal e moral de toda a história da Igreja. Isso, porém, não encobre nem justifica o triste balanço – estatisticamente comprovado – do que aconteceu e acontece como resultado dessa posição: grande número de católicos perderam a fé ou a dissolveram na

²² Cf. *Discurso natalino* à Cúria romana em 22/12/2005

política, inúmeros jovens se afastaram simplesmente da Igreja com indiferença e preconceito; uma multidão optou por “mudar de Igreja”.

O mais doloroso dessa crise é que verdades centrais, essenciais, vitais, da fé católica tenham sido abafadas ou contaminadas por interpretações teológicas distorcidas. Assim aconteceu com a Santa Missa, que atualiza o sacrifício de Cristo na Cruz (submetida a tremendos abusos litúrgicos e até a sacrilégios); com o sentido profundo da adoração da Eucaristia (eliminação de genuflexórios, proibição de genuflexões, esquecimento da veneração do Senhor sacramentado no sacrário); com a Comunhão, apagando das consciências o que o Espírito Santo quis gravar nelas através de São Paulo: *Todo aquele que comer do pão e beber do cálice indignamente será culpado contra o corpo e o sangue do Senhor [...], come e bebe a sua própria condenação (1 Cor 11,27 e 29).*

“EMPUNHAI O ESCUDO DA FÉ”

Este é o conselho que nos dá São Paulo para a nossa batalha de paz e bem. “Armar-nos” com o empenho sincero e eficaz de estudar, de conhecer a fundo a fé católica, as riquezas da doutrina cristã, do autêntico Magistério da Igreja Católica (o ouro puro e não a imitação); de aprender como é a história “real” da Igreja e a dos seus esclarecimentos doutrinários plasmados nos dogmas; de compreender o dom divino dos sete Sacramentos, que são ações do próprio Cristo, que continua a agir e dar-se por amor de nós. Enfim, o empenho de sermos homens e mulheres de fé esclarecida, bem formada e irradiante.

Lembre-se do conselho dado anteriormente de conhecer bem o *Catecismo da Igreja Católica*. Poderia sugerir-lhe mais bibliografia, magnífica, abundante. Agora, vou acrescentar apenas uma: procure, na Internet, se não o tiver feito já, o texto do *Credo do Povo de Deus, solene profissão de fé*, promulgado por São Paulo VI no agitado ano de 1968 – que foi um *Ano da fé* para a conturbada Igreja Católica –, com a finalidade de oferecer ao povo de Deus uma luz segura no meio da confusão.

Assim estaremos avançando pela via certa, que Bento XVI chamava, caminho de “renovação na continuidade”, e amaremos a grande Tradição – expressão da assistência do Espírito Santo à sua Igreja –, sem cair na teimosia de um certo tipo de “tradicionalismo” imobilista.

Finalmente, se quiser uma exposição mais detalhada dos últimos pontos tratados neste capítulo, talvez lhe seja útil a leitura do meu livro *O otimismo cristão, hoje* (Ed. Quadrante 2008).

X. TOMAI O CAPACETE DA SALVAÇÃO

Tomai também o capacete da salvação (Ef 6,17) – Revistamos o capacete, que é a esperança da salvação (1 Ts 5,8)

O CAPACETE PROTETOR

Todas as peças da *armadura de Deus*, como já vimos, são um símbolo das “armas” do nosso combate espiritual. O capacete – o elmo – protege a cabeça do *bom soldado de Cristo Jesus (2Tm 2,3)*. A cabeça é a sede do pensamento, que avalia a realidade e rege a conduta. Os pensamentos e juízos sobre a vida, quando “descem” ao coração, ou seja, quando são acolhidos pela vontade e a afetividade, tornam-se vivos, e então informam o nosso agir. Age bem quem pensa e sente bem. Quem pensa e sente mal, age mal.

Por isso São Paulo insiste duas vezes nessa imagem do capacete. Proteja a cabeça! Procure ter pensamentos certos, em sintonia com Deus. Para isso, é interessante o esclarecimento que dá aos tessalonicenses: *o capacete é a esperança da salvação*.

Se faltasse a esperança da salvação, da vida eterna, da união com a Trindade para sempre no Céu, só nos sobriam as perspectivas terrenas. Que

sentido teria então a santidade? Bastaria a eficácia, a *ortopraxis* da ação terrena, como dizem alguns, inspirados na terminologia marxista.

Se faltasse a esperança do Céu, que sentido teriam as vocações contemplativas, a entrega generosa dessas almas enamoradas, que vivem enclausuradas a sós com Deus, no silêncio e na oração. No entanto, a Igreja sempre viu nelas o grande pulmão da Igreja: elas nos sustentam, elas – como desejava Santa Teresinha – são o coração do Corpo Místico de Cristo, que envia, pela Comunhão dos Santos, sangue arterial a toda a Igreja, o sangue – a graça – que permite a ação verdadeiramente eficaz das atividades pastorais e apostólicas.

Com toda a razão escrevia São Paulo aos pagãos convertidos: *Lembrai-vos de que naquele tempo estáveis sem Cristo..., sem esperança e sem Deus no mundo (Ef 2,12)*. E, com a alma dolorida perante os que negavam a ressurreição dos mortos, dizia: *Se Cristo não ressuscitou, é ilusória a vossa fé, ainda estais nos vossos pecados... Se temos esperança em Cristo somente para esta vida, somos os mais dignos de compaixão de todos os homens... Se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, pois amanhã morreremos (1 Cor 15,17.19 e 32)*.

Há duas maneiras de perder a esperança de salvação:

- Negando a existência da vida eterna. Morreu, acabou tudo.
- Afirmando – como faz certa linha teológica já mencionada – que todo o mundo já está salvo após a morte redentora de Cristo. Mata-se, assim, a esperança da salvação, pois não é preciso “esperar” o que já se tem garantido.

A esperança que se vê não é esperança, diz São Paulo (*Rm 8,24*). Se a salvação fosse garantida, e não tivéssemos nada imerecido e incerto em que esperar, precisando apenas de “aguardar” a cobrança de um seguro de vida eterna, seria tolice rezar pela conversão dos pecadores e pelas almas do Purgatório.

Quando você ouça alguém falar das missas de defuntos como “missas da ressurreição” saiba que esse modo de dizer – quase sempre usado com a maior boa fé– é ambíguo: caso signifique “esperança da ressurreição” após uma eventual purificação no Purgatório, está certo; se significa, porém, “este que morreu já ressuscitou, agora mesmo” está errado.

São Paulo fala bem claro a Timóteo sobre alguns que *se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição já se realizou; estão pervertendo a fé de vários* (2 Tm 2,18). Seria longo explicar aqui que esse conceito equivocado procede de um tipo de filosofia que, em vez de se render à sabedoria inefável de Deus, pretende dar-lhe lições, contrariando a explícita Revelação divina sobre o mistério da relação entre o tempo e a eternidade.

Os partidários da salvação automática esquecem-se do alerta de Jesus: *Entrai pela porta estreita, pois larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição; e muitos são os que entram por ele*. Pouco depois acrescenta que, a esses, de nada servirá alegarem no dia do juízo : *Senhor, Senhor, não foi em teu nome que profetizamos? Não foi em teu nome que expulsamos demônios? E não foi em teu nome que fizemos muitos milagres? Então lhes responderei: ”Jamais vos conheci. Afastai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade”* (Mt 7,13 e 22-23).

A ESPERANÇA DA SALVAÇÃO

Essa esperança da salvação sempre foi e será a grande novidade da mensagem cristã. Hoje, como desde há dois mil anos, a esperança da Vida Eterna é que atrai, com a graça do Espírito Santo, numerosas conversões nos continentes em que o Cristianismo está ainda pouco difundido. Tal como aconteceu com os primeiros cristãos (cf. 1 Pd 1,3-5).

Na noite em que Jesus nasceu, o anjo disse aos pastores: *“Não tenhais medo! Eu vos anuncio uma grande alegria, que será também a de todo o povo: hoje, na cidade de Davi, nasceu para vós o Salvador, que é o Cristo Senhor* (Lc

2,9-11). Esta é a primeira coisa que se diz ao anunciar o nascimento de Cristo: chegou o vosso Salvador.

Salvador de quê? Dos pecados dos homens. Esta foi a razão da encarnação do Filho de Deus no seio de Maria: Deus se faz homem para nos salvar da perdição do pecado. Seu nome, Jesus, significa “O Senhor salva”. O anjo Gabriel diz a Maria: *Eis que conceberás e darás a luz um filho, e o chamarás com o nome de Jesus (Lc 1,31)*. A José, um anjo manda: *José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo. Ela dará a luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o povo dos seus pecados (Mt 1,20-21)*. Esta é e será sempre a fé cristã.

O próprio Cristo refere-se à sua missão com estas palavras: *O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pelo resgate de muitos (Mt 20,28)*; e ainda: *O Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido (Lc 19,10)*. E São Paulo sintetizará a obra redentora de Jesus dizendo: *É digna de fé e de ser acolhida por todos esta palavra: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores (1 Tm 1,15)*.

DOIS ESTRABISMOS

- O primeiro “estrabismo” leva à negação do “pecado pessoal”, especialmente do “pecado mortal”: afirma-se que o inferno – como já mencionamos – ou não existiria ou estaria “vazio”. Pecado mesmo seria só renegar formalmente de Deus, ou então o “pecado social”, anônimo, do qual têm a culpa os sistemas político-sociais, e por isso deve ser combatido com a ação política, a revolução e os diversos movimentos de reivindicação e confronto. Nesse contexto, a palavra de Deus sai do âmbito da fé e se afoga na ideologia.

- O segundo “estrabismo” é o dos que caem na cilada de que a religião “desencarnada”, “descomprometida” (isto é, não atrelada a utopias sociopolíticas) seria, usando expressões textuais de Karl Marx, “alienante”, seria o “ópio do povo”.

A catequese que derrapa nessas ciladas precisa de um bom tratamento oftalmológico. Talvez sem reparar, muitos encheram de terra os olhos próprios e os dos fiéis que catequizam. Assim, desviam o olhar de Deus, da eternidade, do Céu, que Cristo conquistou para nós com o seu sangue: *Na casa de meu Pai há muitas moradas, e eu vou preparar-vos o lugar (Jo 14,2).*

É lógico, então, que digam que a confissão é supérflua, que basta quando muito a absolvição coletiva (inválida, por sinal, para quem não for depois fazer, quanto antes, a sua confissão individual); ou que aquele que vai confessar um pecado pessoal (adultério, trapaça, omissões no dever da Missa dominical, até aborto) faz perder tempo ao confessor.

Alguns afirmam que a transgressão dos mandamentos divinos não rompe a união com Deus, enquanto a pessoa mantiver – de modo vago e genérico – uma “opção fundamental” por Deus. Só o desprezo explícito e formal de Deus ou do próximo seria pecado mortal. Esse um erro grave foi condenado várias vezes pela Igreja²³. É claro que, antes de se chegar a essas posições extremas, há nuances intermediárias, também confusas e erradas, para dano dos fiéis.

Como seria bom e benéfico que pastores e docentes, na Igreja, desenterrassem algo que muitos deles sepultaram: a encíclica de São João Paulo II *Veritatis splendor* (06/08/1993), que trata esplendidamente dos alicerces, dos fundamentos doutrinários da moral cristã, e expõe os princípios morais básicos de uma maneira muito clara.

AS DUAS ESPERANÇAS

O receio da “alienação”, que impediu tantos de cravar decididamente os olhos em Deus e na Vida Eterna, esquece um ponto importante do *Catecismo da Igreja Católica*.

²³ João Paulo II, Exortação Apostólica *Reconciliatio et Paenitentia*, n. 17; e Encíclica *Veritatis splendor*, nn. 69-70

Ao falar da virtude teologal da esperança o *Catecismo* ensina, em harmonia com a fé perene da Igreja: “A esperança é a virtude teologal pela qual desejamos como nossa felicidade o Reino dos Céus e a Vida Eterna, pondo nossa confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos não em nossas forças, mas no socorro da graça do Espírito Santo” (n. 1817).

A seguir faz uma afirmação de grande alcance. Assevera que a esperança teologal “assume as esperanças que inspiram as atividades dos homens, purificadas, para ordená-las ao Reino dos Céus... O impulso da esperança preserva do egoísmo e conduz à felicidade da caridade” (n. 1818).

Fica bem claro que a esperança, que tem como objeto próprio a Vida Eterna, abrange também todas as nobres esperanças humanas: esperanças de justiça, de paz, de defesa do patrimônio ecológico, de educação para todos, de uma ordem social cristã; de misericórdia para com os necessitados, para com os injustiçados... Mas sem esquecer nunca a ordem dos valores. Em primeiro lugar, a séria formação cristã, na doutrina e nas virtudes, dos fiéis de todas as idades. E a formação na vida de oração, na vida sacramental e nos outros meios de santificação. São valores prioritários, que nenhuma preocupação social pode deixar e lado.

Com essa ordem de valores, podem-se empreender de modo sincero todas as iniciativas e atuações que visem o bem comum terreno, e que são parte da missão dos cristãos, especialmente dos leigos.

Neste sentido, nunca deveríamos esquecer a tremenda seriedade com que Jesus declara, ao falar das obras de misericórdia: *‘Em verdade vos digo: todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses pequeninos [alguma obra de caridade e misericórdia], foi a mim que o deixastes de fazer. E irão estes para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna (Mt 25,41-46).*

Isso significa que existe inferno? Sim. E é bom que não esqueçamos outras palavras de Cristo sobre este tema: *Ouvistes que foi dito: ‘não cometerás adultério’. Eu, porém ,vos digo: Todo aquele que olha para uma mulher com*

desejo libidinoso, já cometeu adultério com ela em seu coração. E, com uma hipérbole didática, que sacode a consciência, acrescenta: Caso teu olho direito te leve a pecar, arranca-o e lança-o para longe de ti, pois é preferível que se perca um os teus membros do que todo o teu corpo seja lançado na geena (Mt 5,27-29).

A esperança sobrenatural é parte importante, essencial, da armadura de Deus. Sem ela, toda vitória fica sendo efêmera e ilusória. Tomara que essa virtude teologal seja para nós *como uma âncora segura e firme*, cravada no Céu (cf. *Hb 6,19*), onde nos espera o abraço da Trindade por toda a eternidade.

XI. A ESPADA DA PALAVRA

Empunhai a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus (Ef 6,7)

A PALAVRA SE FEZ CARNE

A comparação da Palavra de Deus com uma espada reaparece no Novo Testamento na Carta aos Hebreus:

A Palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante que qualquer espada de dois gumes: penetra até dividir a alma e o corpo, as juntas e as medulas, e discerne os pensamentos e intenções do coração (Hb 4,12).

A nossa batalha de Lepanto – como vimos repetindo – é uma batalha de paz, de luz e de amor. Nela, a Palavra de Deus é uma arma imprescindível.

O prólogo do Evangelho de São João, que, com um voo de águia, sobe a incríveis alturas espirituais, fala-nos da Palavra, do Verbo eterno – a segunda Pessoa da Santíssima Trindade – que se *fez carne e habitou entre nós* (cf. *Jo 1, 1-14*).

O Verbo é Jesus Cristo, Palavra definitiva que falará a todos os homens e mulheres até o fim da história, mediante o exemplo da sua vida e a sua pregação. *Muitas vezes e de muitos modos* – diz a Carta aos Hebreus – *Deus falou outrora aos nossos pais pelos profetas; agora, nestes últimos tempos, falou-nos pelo Filho (Hb 1,1-2).*

Nessa Palavra há uma tal riqueza de luz, que uma existência inteira não bastaria para captá-la plenamente. É como uma fonte: todos os que têm sede podem beber nela; mesmo que bebam muitos, nunca a esgotarão. Ao mesmo tempo, ninguém acalma a sede mais profunda da alma bebendo só de vez em quando. Todos os dias nós temos sede, mesmo que não nos apercebamos disso; e todos os dias Jesus nos diz: *Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Do seio daquele que acredita em mim, correrão rios de água viva (Jo 7,17-18).*

A ESPADA NO NOSSO CORAÇÃO

Líamos, no começo deste capítulo, que a Palavra de Deus *é viva, eficaz e mais penetrante que qualquer espada [...]. É como uma espada afiada que penetra até as medulas, e discerne os pensamentos e intenções do coração (Cf. Hb 4,12).*

Deixemos que essa “espada”, essa Palavra, penetre até o mais recôndito do nosso coração. Ela nos revelará a nós mesmos: o que realmente somos, o que realmente queremos, o que está limpo na alma e o que está sujo, o que é verdadeiro e o que é autoengano.

Como diz o *Catecismo da Igreja*, a meditação da Palavra de Deus *faz cair as máscaras* (n. 2711), e, então, a contemplação de Cristo *purifica o coração; a luz do olhar de Jesus ilumina os olhos do nosso coração, ensina-nos a ver tudo na luz da sua verdade* (n. 2715).

Aquele que se acostumou a ler e meditar diariamente algum trecho da Bíblia, especialmente dos Evangelhos, do Novo Testamento, sabe isso por

experiência, e conhece o grande proveito espiritual que dessa prática lhe adveio.

Quando assim o fazemos, o nosso coração vai descobrindo um novo amanhecer. A luz que a Palavra de Deus nos transmite cresce em intensidade, ilumina, vai clareando, deslumbra e maravilha; cada vez nos surpreende mais e, ao lado dela, todas as outras luzes do mundo nos parecem uma sombra incerta.

Vai-se experimentando então, cada vez mais, o que Jesus dizia: *As minhas palavras são vida* (cf. *Jo 6,63*). O Evangelho repercute na nossa vida, que – no correr natural do dia a dia – pode refletir cada vez melhor o rosto de Cristo.

Como escrevia o Papa Francisco, na sua primeira Encíclica: “A riqueza e a beleza de Cristo são inesgotáveis. Ele é sempre jovem e fonte de constante novidade. A Igreja não cessa de se maravilhar com a ‘profundidade da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus’ (*Rm 11,33*)”²⁴.

A ESPADA E O MUNDO

No Sermão da montanha, que é como o prólogo e a síntese dos ensinamentos de Jesus, o Senhor dizia aos discípulos: *Vós sois a luz do mundo... Brilhe a vossa luz diante dos homens* (*Mt 5, 12 e 16*).

Todos somos chamados a ser *luminárias no mundo, ostentando a Palavra de vida*, como diz S. Paulo (*Fl 2,15-16*). Em primeiro lugar, irradiando Cristo com a vida pessoal, ou seja, com o exemplo. Depois, com a palavra: quer a palavra autorizada dos que, pela ordenação sacerdotal e episcopal, e a diaconal, têm a missão pública de pregar o Evangelho, quer a palavra simples do pai, da esposa, do colega, do amigo cordial, que esclarecem e aconselham.

Quando, na parábola do Semeador, Jesus diz que *a semente é a Palavra de Deus* (*Lc 8,11*), está nos dizendo que a Palavra de Deus, especialmente o Evangelho, é um germe de vida – como o grão de trigo – que está destinado a

²⁴ Encíclica *Evangelii Gaudium*, n. 11

crescer e dar fruto: em nós e nos demais. E que é preciso semeá-la a mãos cheias.

O fruto – em nós e nos demais – dependerá da qualidade da terra onde for plantado. O grão de trigo pode cair em terreno rochoso e aí estiolar e secar; pode cair no meio dos espinheiros, que acabarão afogando-o; ou pode cair em terra boa, multiplicar-se e dar *frutos, até cem por um*. O que é essa terra boa? *O que caiu em terra boa – diz Jesus – são aqueles que, ouvindo com um coração bom e generoso, conservam a Palavra e dão fruto pela perseverança (Lc 8,8 e 15)*.

Todos nós – repito – temos que ser semeadores da Palavra da verdade. Hoje, num mundo em que a maioria dos que se chamam católicos ignora até as verdades mais elementares da nossa fé, não pode ser luz do mundo um cristão que leu e ouviu muito pouca coisa da Palavra, da doutrina: a esse, pode aplicar-se o comentário feito por Cristo sobre a semente que se perdeu à beira do caminho: *os pássaros do céu a comeram (cf. Lc 8,5)*.

É preciso dar-se conta de que a frota invasora em águas da Igreja deu um resultado que Bento XVI lamentava. Falava do “resultado catastrófico da catequese moderna” a partir dos anos sessenta do século XX. “Sem querer condenar ninguém – dizia –, é evidente que hoje a ignorância religiosa é tremenda; é só conversar com as novas gerações”²⁵.

Em bastantes faculdades e colégios confessionais, quase toda a formação religiosa consistiu, e continua a consistir, no vinho aguado de uma confusa história das religiões, misturada com pitadas de ecologia e de política social, dentro de uma confusão sincretista: é o coquetel que mistura e agita algumas ideias cristãs com posições, perspectivas e condutas dominantes que são incompatíveis com a lei de Deus e o Evangelho.

É muito atual o que, no dia 13 de maio de 2007, Bento XVI dizia aos Bispos reunidos em Aparecida: “Convirá intensificar a catequese e a formação na fé,

²⁵ Entrevista a Gianni Cardinali para o jornal *Avvenire*, 27.04.2003

tanto das crianças como dos jovens e adultos. A reflexão madura da fé é luz para o caminho da vida e força para sermos testemunhas de Cristo”.

A NOSSA RESPONSABILIDADE

Tomemos consciência de que faz parte, e não pequena, da nossa batalha assumir a responsabilidade por adquirir uma formação católica em nível de estudos superiores, e colaborar ativamente na transmissão da doutrina. Formação constante e progressiva.

- Na assimilação da Palavra de Deus, tanto Bento XVI como o Papa Francisco têm insistido na necessidade de valorizar muito a *lectio divina*, ou seja, a leitura da Bíblia, principalmente dos Evangelhos, com espírito de reflexão e oração²⁶.

Na Sagrada Escritura, Deus nos fala. Estejamos à escuta, tanto para a nossa vida espiritual, como para ficarmos melhor preparados para transmitir a doutrina católica aos filhos, aos alunos, aos amigos, à opinião pública, quando for o caso. Como dizia Santo Tomás e Aquino, a “pregação” é “*contemplata aliis tradere*”, passar aos outros o que nós contemplamos na oração.

- Também é essencial, para ter e dar uma boa formação doutrinal, não esquecer o que ensina o Concílio Vaticano II: “É claro que a Sagrada Tradição, a Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja, segundo o sapientíssimo plano de Deus, estão de tal maneira ligados e unidos que uma coisa sem as outras não se mantém, mas juntas, cada uma a seu modo, sob a ação do Espírito Santo, colaboram eficazmente para a salvação das almas”²⁷. Unida à Sagrada Escritura, e dela inseparável, a Tradição com T maiúsculo é a espinha dorsal da doutrina da Igreja.

- De modo geral, a responsabilidade cristã faz-nos entender que, hoje mais do que nunca, temos de procurar cursos, conferências, livros, áudios, *sites* de doutrina e espiritualidade católica, que contribuam para manter uma

²⁶ Papa Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, n. 152 e seg; e Bento XVI, Exortação Apostólica *Verbum Domini*, n. 86..

²⁷ Constituição Dogmática *Dei Verbum*, n. 10

formação permanente, especialmente em matérias de fé e moral. Para isso, é preciso informar-nos, com alguém que tenha base e autoridade confiável, sobre onde achar as fontes de águas claras da doutrina católica, não poluídas pela ambiguidade, pelo sincretismo ou pelo erro.

XII. A OFENSIVA DA ORAÇÃO

Orai, em união com o Espírito, multiplicando invocações e súplicas. Perseverai nas vossas vigílias, com preces por todos os santos; e também por mim, para que me seja dado anunciar corajosamente o mistério do Evangelho (Ef 6,18-19).

A MAIOR ARMA DO CRISTÃO

Depois de enumerar diversas armas espirituais, defensivas e ofensivas, São Paulo conclui a descrição da armadura falando na força mais poderosa de todas: a oração. “A Igreja – diz o Papa Francisco – não pode dispensar o pulmão da oração”²⁸

É muito tocante ver como esse apóstolo termina a carta aos Romanos: *Eu vos peço, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que luteis comigo mediante as orações que fazeis a Deus por mim (Rm 15,30).*

O apóstolo vê sua missão como um combate, e pede encarecidamente que todos sejam “combatentes” incansáveis a seu lado, por meio da oração

Dentro do plano da Redenção, Deus quis que a oração fosse um poderoso meio para alcançar a graça de Deus, do Pai *de quem procede todo dom precioso e toda dádiva perfeita (Tg 1,17).*

²⁸ Encíclica *Evangelii gaudium*, n. 262

Jesus ensinou-nos a orar dirigindo-nos, com amor e confiança, ao nosso Pai Deus: *Pai nosso, que estais nos céus...* (Mt 6,9-14). E, ao seu ensinamento sobre a oração uniu duas coisas:

- Uma promessa: *Por isso vos digo: tudo o que pedirdes na oração, crede que já o recebestes, e vos será concedido (Mc 11,24). Tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei (Jo 14,13).*

- E uma qualidade essencial, a perseverança: *É preciso orar sempre, sem jamais esmorecer (Lc 18,1). Ficai vigilantes, orando em todo momento (Lc 21,36).*

ABRIR OS BATENTES DA PORTA DO CÉU

A oração do humilde penetra as nuvens, diz o Eclesiástico (Eclo 35,21).

A oração filial dá-nos, por assim dizer, o poder de abrir os dois batentes da porta do Céu:

- O primeiro batente abre-se com a *humildade*. Na parábola do fariseu e o publicano, *que subiram ao templo para orar*, o primeiro, *que se considerava justo e desprezava os demais*, não foi ouvido. Deus, pelo contrário, escutou a prece humilde do publicano: *Meu Deus, tem compaixão de mim, que sou um pecador!* (Lc 18,9-14).

Deus — repete a Sagrada Escritura — *resiste aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes* (Pr 3,34; Pd 5,5; Tg 4,6).

- O segundo batente abre-se com a *fé*, uma fé que se funde com a esperança²⁹, em forma de confiança absoluta, porque *nós conhecemos o amor que Deus nos tem, e acreditamos nele* (1 Jo 4,16). *Quem de vós* — diz Jesus —, *sendo pai, se o filho lhe pedir um peixe, em vez do peixe lhe dará uma cobra...*

²⁹ Cf. Bento XVI, Encíclica *Spe salvi*, n. 2. O poeta Charles Péguy põe na boca de Deus estas palavras: “A fé de que eu mais gosto é a esperança” (*O Pórtico do Mistério da Segunda Virtude*).

Ora, se vós que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo aos que o pedirem (Lc 11,11-13).

Firmado nessas verdades, o Papa Francisco refutava as tentativas de alguns – especialmente fortes nas décadas de 60 e 70 do século passado – de desprestigiar as orações e devoções tradicionais do povo católico: “Negar que a oração de petição é superior às outras orações – dizia o Papa –, é a soberba mais requintada. Só quando somos pedinchões é que nos reconhecemos criaturas”, ou seja, quando nos fazemos humildes diante da grandeza de Deus³⁰.

E, em outro lugar, o mesmo Papa escrevia: “Os grandes homens e mulheres de Deus foram grandes intercessores... Poderíamos dizer que o coração de Deus se deixa comover pela intercessão, mas na realidade ele sempre se antecipa, pelo que, com a nossa intercessão, apenas possibilitamos que seu poder, o seu amor e a sua lealdade se manifestem mais claramente”³¹.

Quando São Josemaria Escrivá foi beatificado, distribuiu-se em Roma uma breve biografia. Nela se relatava a intensa oração de petição do santo, naquelas décadas do século XX tão conturbadas pela confusão doutrinal e moral reinante nos ambientes católicos. “Dói-me a Igreja – dizia –, doem-me as almas. Muitas vezes acabo o dia cansado pelo esforço de rezar continuamente, sempre pedindo, sempre pedindo, com a confiança de que o Senhor tem de me escutar... Senhor, pela tua Igreja..., Olha que é a tua Igreja, que somos teus filhos, que as almas são tuas!”³².

NO LEPANTO ESPIRITUAL

Para o Papa São Pio V, e para a maioria dos católicos, a batalha de Lepanto foi ganha graças à fervorosa petição elevada a Deus por toda a Cristandade. Incentivados pelo Papa os fiéis recorreram confiantes à intercessão de Nossa Senhora mediante a recitação do Santo Rosário; desse modo, o Rosário,

³⁰ Cit. em Mariano Fazio, *O Papa Francisco*, Cultor de Livros 2013, p. 27

³¹ Encíclica *Evangelii gaudium*, n. 283

³² *O Beato Josemaria Escrivá, fundador do Opus Dei*, pág.. 88.

o Terço, ficou indissolúvelmente unido à vitória que salvou o Cristianismo no Ocidente e, a partir daí, em todos os continentes.

“Não deixeis de inculcar com todo o cuidado – dizia São Paulo VI, no ano de 1964 – a prática do Rosário, a oração tão querida da Virgem, por meio da qual os fiéis podem cumprir da maneira mais suave e eficaz o preceito do Divino Mestre: ‘Pedi e recebereis, procurai e achareis, batei e vos abrirão’. O vosso Rosário é uma escada, e vós a subis em comum, degrau a degrau [conta a conta], indo ao encontro da Senhora, que quer dizer ao encontro de Cristo... Foi Ela que o trouxe ao mundo: é a Mãe do Senhor. É Ela que nos leva até Ele, se formos seus devotos”³³.

Hoje, como lembramos nos capítulos anteriores, muitos tentam minar os alicerces da fé cristã. São como uma armada invasora que nos ameaça. Diante dela, a nossa grande arma deve ser a que a Igreja nos lembra todos os anos na festa de sete de outubro, dia de Nossa Senhora do Rosário: rezar com amor e perseverança o Terço de Santa Maria.

É motivo para dar muitas graças a Deus e à nossa Mãe do Céu comprovar como, pelas paróquias e capelas de todo o Brasil, vai se espalhando, de maneira crescente, o costume de “Terço do homens”. Alguém já disse: “O Terço dos homens salvará o Brasil”. Só Deus sabe. Mas, com a ajuda de Nossa Senhora, penso que esses grupos de homens que rezam aos pés de Maria Santíssima – como o fazem igualmente muitíssimas mulheres – serão uma “frota salvadora” que ajudará eficazmente a vencer a “nossa” batalha de Lepanto.

Se alguma vez, uma sombra tenta toldar o nosso otimismo em relação ao futuro, lembremo-nos do que dizia São João Crisóstomo: “Nada há mais poderoso do que um homem que reza, do que uma mulher que reza”³⁴.

³³ *Alocução* de 10 de maio de 1964

³⁴ Citado por Sto. Afonso Maria de Ligório no seu precioso livrinho *A oração*, Ed. Santuário, Aparecida 1987, pág. 55

E, ao mesmo tempo, nunca esqueçamos a exclamação cheia de confiança que São João deixou estampada na sua primeira Carta, como uma chama de otimismo cristão: *Esta é a vitória que venceu o mundo: a nossa fé (1 Jo 5,4)*.

Terminemos estas páginas colocando toda a nossa confiança e os nossos bons propósitos nas mãos da nossa Mãe, Nossa Senhora das Vitórias.

APÊNDICE

LEPANTO, poema de G. K. Chesterton

(versão portuguesa de Diego Fagundes)

1

Fontes brancas escoam nas Cortes do sol,
E o Sultão de Bizâncio sorri enquanto elas correm;
Risos brotam feito as fontes em sua tão temida face,
O escuro de sua barba perturba o escuro da floresta,
O crescente de seus lábios retorce o crescente rubro-sangue,
Pois os mares mais profundos se agitam com seus navios.
Eles desafiaram as repúblicas brancas pelos cabos da Itália,
Eles percorreram o Adriático à volta do Leão do Mar³⁵,
E o Papa estendeu os braços ao estrangeiro, em agonia e perda,
E chamou os reis da cristandade às armas, em nome da cruz,
A fria rainha inglesa se olha no espelho³⁶;
A sombra dos Valois boceja na Missa³⁷;
De ilhas noturnas ressoa sem forças o arsenal espanhol,
E o Senhor do Chifre de Ouro³⁸ ri-se em pleno sol.

2

Vago rufar de tambores, nas colinas abafado,
Onde só de um trono sem nome moveu-se um príncipe sem coroa³⁹,
Onde, erguendo-se de dúbio assento e humilde tenda,
O último cavaleiro da Europa toma as armas da parede,
O último e persistente trovador a quem o pássaro cantou,

³⁵ O Leão Alado é símbolo da República de Veneza

³⁶ Elisabeth I, protestante, que dizimou os católicos da Irlanda, filha de Henrique VIII e Ana Bolena

³⁷ Referência ao Reino da França, que não enviou forças para deter o avanço turco

³⁸ Chifre ou Corno de Ouro é outro nome da Turquia

³⁹ D. João de Áustria, filho bastardo do imperador Carlos I da Espanha e quinto da Alemanha, meio-irmão do rei da Espanha Filipe II.

Aquele que outrora cantava para o Sul, quando o mundo era menino⁴⁰,
No enorme silêncio, diminuto e destemido,
Sobe pela sinuosa vereda o rumor da Cruzada.
Gemem grandes gongos, ao longe ribombam canhões,
Dom João da Áustria está indo para a guerra,
Bandeiras rijas e tesas no ar gélido da noite
No melancólico negro-púrpura, no cintilante velho ouro
O carmesim das tochas nos tambores de cobre,
E os toques, e as trombetas, e os canhões, e ei-lo a vir.
Dom João sorrindo, sua valente barba ondulada,
Esticando-se em seus estribos qual nos troncos do mundo todo,
Erguendo a cabeça como bandeira de todos que são livres.
Luz de amor da Espanha - viva!
Luz de morte da África!
Dom João da Áustria
Cavalga para o mar.

3

Maomé em seu paraíso acima da estrela crepuscular,
(Dom João da Áustria está indo para a guerra.)
Ele equilibra um imponente turbante no regaço de uma *huri* imortal⁴¹,
Turbante que foi tecido de sol poente e água do mar.
Ele abala os jardins de pavões quando sai de seu repouso,
E avança entre as copas das árvores e é mais alto do que elas,
E sua voz por todo o jardim é um trovão que põe-se a chamar
Azrael das trevas e Ariel e Ammon⁴², pelos flancos.
Gênios e Gigantes,
Confluência de asas e olhos,
Cuja forte obediência o céu cindiu
Quando Salomão ainda era rei.

4

Correm em vermelho e púrpura das nuvens vermelhas da aurora,
Dos templos onde deuses amarelos⁴³ cerram seus olhos com desdém;
Erguem-se, rugindo em vestes verdes⁴⁴, dos verdes infernos do mar
Onde céus caídos, cores malignas e seres sem olhos estão;
Sobre eles, empilham-se conchas e dobram-se os bosques cinzentos do mar,
Salpicados de uma esplêndida doença, a doença das pérolas.
Surgem em fumos de safira vindos das frestas do chão -
Agrupam-se e encantam-se e rendem culto a Maomé.
E ele diz: "Despedaçai os montes onde o povo-eremita encontra refúgio,
E crivai a areia rubra e prata para que nela não reste um só osso de santo,

⁴⁰ Refere-se a que a civilização teve origem no Sul, no Mediterrâneo e no Meio Oriente

⁴¹ *Huri*, designa uma virgem que estaria no Paraíso muçulmano, um ser celestial e imortal

⁴² Demônios bíblicos

⁴³ Na mitologia egípcia o amarelo representa Ra, o deus sol

⁴⁴ A cor verde é símbolo o Islamismo, do Corão

E caçai os Infiéis em fuga, dia e noite, sem descanso⁴⁵,
Pois aquilo que outrora nos ameaçava retorna do Ocidente.
Pusemos o selo de Salomão em tudo que existe sob o sol,
Da sabedoria, do lamento e da persistência do consumado.
Mas um ruído nas montanhas, nas montanhas, e eu conheço
A voz que fez tremer nossos palácios há quatro séculos:
É ele, que não diz “Sina”; é ele, que não conhece o Destino⁴⁶;
É Richard, é Raymond, é Godfrey que está à porta!
É aquele que escarnece da perda quando o risco vale a pena,
Calcai-o com vossos pés, para que tenhamos paz na terra.”
Pois ele ouvira o rufar dos tambores e o rugir das armas,
(Dom João da Áustria está indo para a guerra.)
Rápido e frio - viva!
Raio da Ibéria!
Dom João da Áustria
Partiu por Alcalar.

5

São Miguel em sua Montanha nas rotas marítimas do norte⁴⁷
(Dom João da Áustria com suas armas segue forte.)
Onde os mares cinzas brilham e as marés alterosas mudam
E os homens do mar trabalham e as velas vermelhas se inflam.
Ele brande sua lança de ferro e bate suas asas de pedra;
O fragor atravessa a Normandia; o fragor a atravessa só;
O Norte está cheio de intrigas e textos e olhos doloridos
E morta está a inocência da ira e da surpresa,
E Cristão mata Cristão num cubículo empoeirado,
E o Cristão receia Cristo, que tem uma face que julga,
E o Cristão abomina Maria, beijada por Deus na Galileia -
Mas Dom João da Áustria cavalga para o mar.
Dom João que brada entre explosões e eclipses
Gritando com a trombeta, a trombeta de seus lábios,
Trombeta que clama: Ah!
Domino gloria!
Dom João da Áustria
Invoca seus navios.

6

O Rei Filipe⁴⁸ está em seu quarto envolto em sua manta
(Dom João da Áustria está armado no convés.)
Veludo forra as paredes, negro e macio como o pecado,

⁴⁵ Na *sura* 9, versículo 9 do Corão, lê-se: “Matai os infiéis onde os encontrardes! Apanhai-os! Preparai-lhes toda a espécie de emboscadas!”.

⁴⁶ O livre arbítrio é uma característica da fé do católico, em contraste com o fatalismo muçulmano e o predestinacionismo radical de alguns protestantes.

⁴⁷ Alusão ao Mont Saint Michel, na Normandia

⁴⁸ Filipe II da Espanha, inicialmente relutante em participar da cruzada

E pequenos gnomos vêm e pequenos gnomos se vão.
Ele segura um pequeno frasco que tem cores como as da Lua,
Toca-lhe e ele vibra, e o Rei logo estremece,
Sua face é como o fungo de um leproso, branca e cinza
Como plantas de uma casa onde não entra a luz do dia,
E nesse frasco está a morte, o final da nobre empresa,
Mas Dom João da Áustria abre fogo contra o turco.
Dom João está na caça, seus cães se põem a uivar -
O rumor do seu assalto percorre terras da Itália.
Canhões e mais canhões, ah! Ah!
Canhões e mais canhões, viva!
Dom João da Áustria
Descarrega o bombardeio.

7

O papa estava em sua capela antes que dia ou luta rompessem⁴⁹,
(Dom João sumindo em meio à fumaça.)
A sala escondida na casa do homem onde Deus sempre mora,
A janela secreta através da qual o mundo parece pequeno e precioso.
Ele vê, como num espelho, no monstruoso mar no crepúsculo
A lua crescente em seus cruéis navios, cujo nome é mistério;
Projetam grande sombra, escurecem o Castelo e a Cruz,
Ocultam os leões emplumados das galerias de São Marcos⁵⁰;
E sobre as naus há palácios de emires morenos de barba negra,
E sob as naus há prisões nas quais, com múltiplas dores,
Gemem Cristãos em trabalho forçado⁵¹, cativos doentes privados do sol
Como um povo em cidades submersas, como uma nação nas minas.
Estão perdidos como escravos que suam, e nos céus da manhã pendem
As escadas dos deuses mais altos quando a tirania ainda era jovem.

8

São incontáveis, mudos, desesperados como os caídos ou fugitivos
Ante os altos cavalos do Rei no granito da Babilônia.
E muitos por fim enlouquecem no silêncio do quarto infernal
Onde um rosto amarelo espia pela grade da cela,
E ele se encontra esquecido de Deus, e já não procura nenhum sinal -
(Mas Dom João da Áustria rompeu as linhas inimigas!)
Dom João os castiga de uma popa manchada de massacre,
Tinge de sangue o oceano como um sangrento navio pirata,
O escarlata corre sobre o dourado e o prateado.
Abrem-se as escotilhas e estouram os porões,
Trazidos para cima são os que vivem debaixo do mar

⁴⁹ Alusão ao êxtase de São Pio V, que viu o desenlace da batalha enquanto ela decorria. A notícia chegaria apenas duas semanas depois

⁵⁰ Da República de Veneza

⁵¹ Os remadores, nos porões das naus turcas, eram escravos ou prisioneiros cristãos

Branços de felicidade e cegos pelo sol e aturdidos pela liberdade.

9

Vivat Hispania!
Domino gloria!
Dom João da Áustria
Libertou seu povo!

10

Cervantes na sua galera embainha a espada
(Dom João da Áustria regressa com uma grinalda.)
E vê sobre uma terra monótona um caminho remoto em Espanha,
No qual um cavaleiro esguio e tolo para sempre marcha em vão⁵²,
E ele sorri, mas não com o escárnio dos Sultões, e recolhe a espada...
(Mas Dom João da Áustria regressa da Cruzada.)

LEPANTO (versão original inglesa)

G.K. Chesterton

White founts falling in the courts of the sun,
And the Soldan of Byzantium is smiling as they run;
There is laughter like the fountains in that face of all men feared,
It stirs the forest darkness, the darkness of his beard,
It curls the blood-red crescent, the crescent of his lips,
For the inmost sea of all the earth is shaken with his ships.
They have dared the white republics up the capes of Italy,
They have dashed the Adriatic round the Lion of the Sea,
And the Pope has cast his arms abroad for agony and loss,
And called the kings of Christendom for swords about the Cross,
The cold queen of England is looking in the glass;
The shadow of the Valois is yawning at the Mass;
From evening isles fantastical rings faint the Spanish gun,
And the Lord upon the Golden Horn is laughing in the sun.

Dim drums throbbing, in the hills half heard,
Where only on a nameless throne a crownless prince has stirred,
Where, risen from a doubtful seat and half attained stall,
The last knight of Europe takes weapons from the wall,
The last and lingering troubadour to whom the bird has sung,
That once went singing southward when all the world was young,

⁵² Refer-se a *Dom Quixote de la Mancha*, a obra genial de Cervantes, que lutou na batalha de Lepanto, de onde saiu ferido, com um braço inutilizado (por isso o chamavam, honrosamente, “el manco de Lepanto”)

In that enormous silence, tiny and unafraid,
Comes up along a winding road the noise of the Crusade.
Strong gongs groaning as the guns boom far,
Don John of Austria is going to the war,
Stiff flags straining in the night-blasts cold
In the gloom black-purple, in the glint old-gold,
Torchlight crimson on the copper kettle-drums,
Then the tuckets, then the trumpets, then the cannon, and he comes.
Don John laughing in the brave beard curled,
Spurning of his stirrups like the thrones of all the world,
Holding his head up for a flag of all the free.
Love-light of Spain—hurrah!
Death-light of Africa!
Don John of Austria
Is riding to the sea.

Mahound is in his paradise above the evening star,
(Don John of Austria is going to the war.)
He moves a mighty turban on the timeless houri's knees,
His turban that is woven of the sunset and the seas.
He shakes the peacock gardens as he rises from his ease,
And he strides among the tree-tops and is taller than the trees,
And his voice through all the garden is a thunder sent to bring
Black Azrael and Ariel and Ammon on the wing.
Giants and the Genii,
Multiplex of wing and eye,
Whose strong obedience broke the sky
When Solomon was king.

They rush in red and purple from the red clouds of the morn,
From temples where the yellow gods shut up their eyes in scorn;
They rise in green robes roaring from the green hells of the sea
Where fallen skies and evil hues and eyeless creatures be;
On them the sea-valves cluster and the grey sea-forests curl,
Splashed with a splendid sickness, the sickness of the pearl;
They swell in sapphire smoke out of the blue cracks of the ground,—
They gather and they wonder and give worship to Mahound.
And he saith, "Break up the mountains where the hermit-folk can hide,
And sift the red and silver sands lest bone of saint abide,
And chase the Giaours flying night and day, not giving rest,
For that which was our trouble comes again out of the west.
We have set the seal of Solomon on all things under sun,
Of knowledge and of sorrow and endurance of things done,
But a noise is in the mountains, in the mountains, and I know
The voice that shook our palaces—four hundred years ago:
It is he that saith not 'Kismet'; it is he that knows not Fate ;
It is Richard, it is Raymond, it is Godfrey in the gate!
It is he whose loss is laughter when he counts the wager worth,
Put down your feet upon him, that our peace be on the earth."
For he heard drums groaning and he heard guns jar,
(Don John of Austria is going to the war.)

Sudden and still—hurrah!
Bolt from Iberia!
Don John of Austria
Is gone by Alcalar.

St. Michael's on his mountain in the sea-roads of the north
(*Don John of Austria is girt and going forth.*)
Where the grey seas glitter and the sharp tides shift
And the sea folk labour and the red sails lift.
He shakes his lance of iron and he claps his wings of stone;
The noise is gone through Normandy; the noise is gone alone;
The North is full of tangled things and texts and aching eyes
And dead is all the innocence of anger and surprise,
And Christian killeth Christian in a narrow dusty room,
And Christian dreadeth Christ that hath a newer face of doom,
And Christian hateth Mary that God kissed in Galilee,
But Don John of Austria is riding to the sea.
Don John calling through the blast and the eclipse
Crying with the trumpet, with the trumpet of his lips,
Trumpet that sayeth ha!

Domino gloria!

Don John of Austria
Is shouting to the ships.

King Philip's in his closet with the Fleece about his neck
(*Don John of Austria is armed upon the deck.*)
The walls are hung with velvet that is black and soft as sin,
And little dwarfs creep out of it and little dwarfs creep in.
He holds a crystal phial that has colours like the moon,
He touches, and it tingles, and he trembles very soon,
And his face is as a fungus of a leprous white and grey
Like plants in the high houses that are shuttered from the day,
And death is in the phial, and the end of noble work,
But Don John of Austria has fired upon the Turk.
Don John's hunting, and his hounds have bayed—
Booms away past Italy the rumour of his raid
Gun upon gun, ha! ha!
Gun upon gun, hurrah!
Don John of Austria
Has loosed the cannonade.

The Pope was in his chapel before day or battle broke,
(*Don John of Austria is hidden in the smoke.*)
The hidden room in man's house where God sits all the year,
The secret window whence the world looks small and very dear.
He sees as in a mirror on the monstrous twilight sea
The crescent of his cruel ships whose name is mystery;
They fling great shadows foe-wards, making Cross and Castle dark,
They veil the plumed lions on the galleys of St. Mark;
And above the ships are palaces of brown, black-bearded chiefs,
And below the ships are prisons, where with multitudinous griefs,

Christian captives sick and sunless, all a labouring race repines
Like a race in sunken cities, like a nation in the mines.
They are lost like slaves that sweat, and in the skies of morning hung
The stair-ways of the tallest gods when tyranny was young.
They are countless, voiceless, hopeless as those fallen or fleeing on
Before the high Kings' horses in the granite of Babylon.
And many a one grows witless in his quiet room in hell
Where a yellow face looks inward through the lattice of his cell,
And he finds his God forgotten, and he seeks no more a sign—
(But Don John of Austria has burst the battle-line!)
Don John pounding from the slaughter-painted poop,
Purpling all the ocean like a bloody pirate's sloop,
Scarlet running over on the silvers and the golds,
Breaking of the hatches up and bursting of the holds,
Thronging of the thousands up that labour under sea
White for bliss and blind for sun and stunned for liberty.
Vivat Hispania!
Domino Gloria!
Don John of Austria
Has set his people free!

Cervantes on his galley sets the sword back in the sheath
(Don John of Austria rides homeward with a wreath.)
And he sees across a weary land a straggling road in Spain,
Up which a lean and foolish knight forever rides in vain,
And he smiles, but not as Sultans smile, and settles back the blade....
(But Don John of Austria rides home from the Crusade.)
